

Nadja Carvalho

MARIA STRIP...

Arrepiando na saia



Nadja Carvalho

MARIA strip...

Arrepiando na saia



Marca de Fantasia
Parahyba, 2025

Maria strip... arrepiando na saia

Nadja Carvalho

Série Quadrinhos poético-filosóficos, 6. 3a edição, 2025, 78p.

ISBN 978-85-7999-120-2



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033
marcadedefantasia@gmail.com
<https://www.marcadedefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Capa: Henrique Magalhães

1a e 2a edição, Marca de Fantasia, fevereiro de 2016

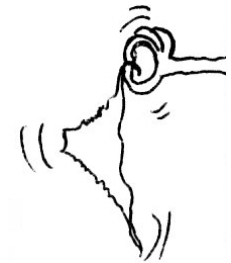
Conselho editorial

Adriano de León - UFPB	Marcelo Bolshaw - UFRN
Alberto Pessoa - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Edgar Franco - UFG	Marina Magalhães - UFAM
Edgard Guimarães - ITA/SP	Nilton Milanez - UESB
Gazy Andraus - IF São José do Rio Preto/SP	Paulo Ramos - UNIFESP
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
José Domingos - UEPB	Waldomiro Vergueiro - USP

Em conformidade com o artigo 46 da Lei Nº. 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, todas as obras artísticas presentes neste livro são reproduzidas exclusivamente para fins de estudo, com a devida menção da autoria e da origem das obras e sem qualquer intuito comercial, sendo sua propriedade garantida aos autores e/ou entidades detentoras de direitos autorais. Desse modo, é vedada a reprodução integral ou parcial dessas obras com fins comerciais.

Dedicatória

O livro é seu!
A calcinha também.



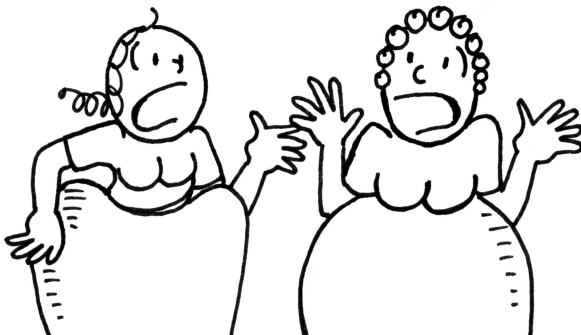
Aproveite e responda rápido ao teste prático:

Verdadeiro ou **Falso**?

- () Maria gozou com Tio Sam (*Ditadura dos quartéis*, 1980).
- () O maior pinto é o do Coronel (*Ditadura dos quartéis*, 1980).
- () Pombinha traiu Maria (*A maior das subversões*, 1984).
- () Maria chupou pitomba (*A maior das subversões*, 1984)

Sumário

Apresentação	6
1. Posso espiar?	9
2. Espaços na HQ Maria	13
3. Bolações de alegoria	23
4. Por baixo da saia de Maria	30
5. Maria, nua e crua!	43
Considerações	60
Referências	62
Apêndice I – Saia balão e outras	66
Apêndice II – Entrevista com H. Magalhães: Muito prazer! Maria	68



Apresentação

A propósito de quem viria apresentar *Maria strip... Arrepiando na Saia* (2016), nomes bravos me ocorreram: E. Franco, R. Behar, S. Luna, F. Petrônio.

Ora! É prévia de Carnaval e não vou atizar as “feras”.

Segui com o frevo “Abafo” na cabeça, no ritmo *Cabelo de Fogo*, do maestro Nunes, mesmo sob os acordes altos recorde Fernando Segolin [Semiótica, PUC-SP]: É preciso “decantar”, antes de publicar. Não garanto a exatidão das palavras, mas o recado é exato. Optei então por “de-can-tar” e enaltecer, de tal sorte que consumi mais tempo que o previsto.

O projeto deste livro apesar de ter surgido em 2013, só foi iniciado em 2014, em paralelo ao pós-doutorado feito na Universidade de Aveiro, Portugal. De lá fui lendo as HQs Maria e recebi em duas visitas de H. Magalhães a Aveiro algumas coletâneas de tiras já publicadas. Elegi uma questão como seta: O que rola por baixo da saia de Maria? Fui me inteirando de questões essenciais à personagem que vê o amor como “a maior das subversões” e considerei seu erotismo e a sexualidade gay.

Este livro firma-se em três elementos da narrativa: personagem, espaço e ponto de vista. Examino alegorias “por baixo” da saia abaloadada de Maria e esta simbólica figurativa integra temas acerca do golpe militar, e outros, beijo de língua, sexo peludo, *strip-tease* etc. Estes assuntos foram mediados por teorias, conversas e pensamentos meus e do criador, refiro-me aos nossos “pontos de vista”, conforme Loyola Brandão (1990, p. 5), esta expressão também nominada “foco narrativo” indica o lugar que o desenhista [o leitor] escolhe para observar e reproduzir o objeto.

No processo de leitura foram escolhidos espaços por fora e “por baixo” da saia de Maria: utilizei pedaços de poesia, reproduções mentais a partir de pinturas, filmes e músicas. Fiz consulta astrológica na internet pra Maria, na afoiteza desta proposta descobri um recurso excepcional em leitura de HQs; desconheço quem tenha usado antes mapa astral pra perfilar personagem e se alguém usou fez bem, pois a criatura de ficção também nasce e é regida por um signo e seu ascendente.

Quando do livro *Edgar Franco e suas criaturas no banquete de Platão* (2012), sentei ao redor da mesa pra bate-papo e lá estiveram os gregos, e as figuras da HQ poética de Edgar, a leitura na ocasião foi regada a vinho de Ambrosia. Agora participo de outra leitura-festa, onde a intumescência erótica da HQ Maria – pelo menos nesta apresentação – é acolhida pelo “pique” do frevo, sob os acordes do Carnaval da minha infância em Olinda-PE.

Na feitura deste trabalho posso dizer que meu olhar caiu furando a opacidade da *saia balão* de Maria, ocorreu algo semelhante à poética: “No pique do frevo caí como um raio. Me segura, que senão eu caio...” (A. Valença)¹.

E pra não perder os lances “por baixo” da saia e afundar meu olhar até adentrar as transparências, exercitei o método de espiolar que dei nome de *voyeurismo*, sem conotações psicopatológicas; a técnica consiste em olhar o subtendido no engaste de Maria na trama da HQ.

Usei o recurso da observação “voyeurística” mesmo quando avistei Maria Nua e crua! Despudorada no beijo de língua. Desavergonhada ao mostrar a bunda. E não digo mais nada, pra não estragar surpresas.

O trabalho foi feito: olhei, observei e narrei cruzando repertórios meus e de outros. É claro que procurei montar uma parceria crítico-criativa com Maria e com o cara lá do DEMID/PPGC-UFPB, o ventríloquo dela. Cá entre nós, ele a criou e diz que ela é duplicata dele.

1. Frevo carnavalesco *Me segura que senão eu caio*, do compositor e intérprete Alceu Valença. Disponível em: <https://letras.mus.br/alceu-valenca>. Acesso em: 2 fev. 2016.

Vamos à leitura! Ela fica prazerosa em contextos livres e em razão disso optei por uma linguagem solta, por acreditar que em qualquer veia criativa faz-se necessário ter liberdade pra superar tendências, esquemas e autores.

Só preciso dizer, antes de encerrar, que ainda sinto “dentadas” de saudades das aulas poéticas de meu “mago” professor Fernando Segolin, em razão do enorme encanto na invenção de sua crítica na análise de narrativas, conforme pode ser visto em *Personagem e anti-personagem* (2006), de sua autoria.

Hoje, dia de Iemanjá!

A apresentação de *Maria Strip...* é-lhe dedicada como oferenda embebida em água de sal e perfume. Nossa “Afrodite brasileira”! A quem recorrem os apaixonados em casos de desafetos amorosos. Odoyá! Iemanjá. Odoyá Maria!

Nadja de Moura Carvalho
João Pessoa, PB. 2 de fevereiro de 2016

Posso espiar?

Maria nasceu em 9 de julho de 1975² e já chegou ao mundo das HQs Paraibanas, crítica, ousada e peituda, disposta a encarar as agruras do regime militar; na década seguinte, com a redemocratização e as mudanças políticas no país, ela se recolocou contra as desigualdades sociais e a favor das minorias sexuais, e assim vem sendo até a virada de século 21.



A primeira tira de Maria em 1975

Nos anos 80, Maria exaltou o amor como a “maior das subversões”³. Esta sentença coíbe aquele tipo de amor bonançoso e ergue uma ideia distinta da de um amor resignado a convenções sociais, em sendo um “amor subversivo”, além de refrear impulsos contrários aos direitos humanos, ele é aguerrido em defesa da liberdade de amar. Trata-se de um amor bravo e bem assanhado quando se faz desejado e necessário à luta social ou sexual.

2. Maria. *Espirituosa... Há 30 anos!* 2005, p. 9.

3. A ideia de “amor subversivo” aparece no primeiro livro de tiras *A maior das subversões*, 1984.

As tiras foram publicadas em jornais diários⁴ e em suplementos semanais paraibanos. “O Norte em Quadrinhos” (*O Norte*) e “O Pirralho” (*A União*) foram importantes, daí resultou um total de 381 tiras, criadas no período de 1976 até 1983. Além dessas publicações, dez HQs Maria, de produção independente, foram comercializadas no mesmo período, em bancas de revistas nas cidades de Recife e João Pessoa, respectivamente, estados de Pernambuco e Paraíba.

Depois das suas primeiras coleções publicadas, Maria foi retomada em *A União* (1983; 1984), com a criação de mais 338 tiras diárias. Daí, o tema da política, antes focado na repressão do regime militar deflagrado nos anos 60, misturou-se a outros temas no âmbito da sexualidade e adversidade social, sobretudo após a promulgação da Lei da Anistia, em 28 de agosto de 1979:

Pombinha: 28 de junho, dia do orgulho gay!

Maria: De luta contra os preconceitos, as discriminações, a vergonha, a culpa...

Pombinha: Diga aí, Maria, há motivo pra comemorar?

Maria: Que tal começarmos por nos amar?!⁵



Além destes perfis, Maria ganhou atributos filosóficos e intimistas, em sua segunda fase (1983; 1984), a mudança pode ser vista em bate-papos

4. A sua publicação diária ocorreu nos jornais *O Norte* (março a novembro, 1977; agosto de 1988 a março de 1989; julho de 1995 a fevereiro de 1998), *A União* (abril de 1979 a janeiro de 1980; setembro de 1983 a dezembro de 1984; junho de 2012 a janeiro de 2014) e ainda *Correio de Pernambuco* (junho, 1980).

5. *Maria Magazine* n. 3. *Os eleitores passam! E os políticos ladram!*, 2012, p. 15.

acerca da vida e da sua contingência finita, existência contraditória aos sentimentos infinitos em relação à natureza e ao interior do próprio sujeito:

Maria: Sabe o que é a vida, Pombinha!

Maria: A vida é a gente olhar pro céu e nunca ver o seu fim!

Maria: É se perder no infinito de suas interiorizações!

Maria: É derrubar todos seus muros e se achar num deserto...

Maria: Tá entendendo o que é a vida, Pombinha?

Maria: Nem eu!⁶



O exame das HQs, em exemplares iniciais de Maria, forneceu tiras que se ajustaram à leitura e apontaram aspectos a serem perseguidos. Reservei noções de ícone e símbolo alegórico e as inseri num exame de narrativa fixado nos elementos personagem, espaço e ponto de vista, e daí, examinei espaços interno e externo da *saia balão* da personagem, vale dizer que esses dois tipos de espaços foram observados, tanto sob o ponto de vista do narrador quanto sob o meu ponto de vista.

6. Maria: Espirituosa... Há 30 anos!, 2005, p. 12.

A proposta consiste em articular uma leitura por cima e por baixo da *saia balão* de Maria, de tal sorte que empreendi um *voyeurismo* metodológico para espiar os sentidos encobertos. Conduzi-me motivada pelo desejo de encontrar pela frente um vento forte de inspirações poéticas, como aquele que esvoaçou a saia de Marilyn Monroe, em *O pecado mora ao lado* (1955), e posso adiantar que ao invés de vento encontrei uma ótima ventania.

A vontade de avistar *lances* criativos fez da ideia uma mira imaginativa, com a qual espiolhei a “intimidade” da personagem. O vento veio de modo simpático e revelador, num “sopro” da historiadora Regina Behar⁷, quando a mesma indicou o exemplar *PQP Maria 8*, de título *Nua e crua. Ditadura dos quartéis* (1980), um exemplar importante e que correu o risco de ficar de fora caso ela não tivesse recordado.

A pesquisadora Regina Behar publicou *Eu sou Maria: humor e crítica nos quadrinhos paraibanos* (2016). O trabalho parte de uma perspectiva histórica que busca analisar o humor crítico de Maria ao longo das décadas de 1970/80, inserido no contexto da ditadura militar no Brasil. Demonstra que as tiras cômicas, publicadas em revistas no período de 1978 a 1984, descortinam aspectos funcionais importantes das estruturas sociais, políticas e morais do país, e suas armas são humor e ironia, seguindo os contextos históricos da contemporaneidade.

Retomando, na ocasião em que a historiadora lembrou o exemplar em que Maria aparece *Nua e crua*, a escrita do meu trabalho já estava avançada e próxima da reta final, por isso vislumbrei a *PQP Maria 8* como uma “ventania”, já que fui arremessada a um *strip-tease* revolucionário, protagonizado por Maria aos brados de “Abaixo a ditadura!” e “Viva a picadura!”. Lá encontrei a personagem “nua e crua”, pedindo para ser lida de um fôlego só, o resultado é que a escrita teve que ser retomada para se ajustar também ao espaço do exibicionismo.

7. Regina Behar é professora no Curso de História da UFPB. Ela definiu como objeto de pesquisa, em seu pós-doutorado (2015), investigar as HQs Maria sob a perspectiva política do regime militar no Brasil.

Espaços na HQ Maria

Vamos começar pelo óbvio e dizer que sem espaço não há história, ele define o lugar dos acontecimentos narrados e o lugar imaginado; em princípio, é limitado como na vida cotidiana e ilimitado como na percepção que temos do universo. Aprendemos cedo a demarcar culturalmente o lugar para vivermos e o narrador a delimitar o espaço para criar suas histórias, assim o espaço tanto exerce interferência nos enredos das HQs, quanto funciona como suporte das cenas para as suas tirinhas⁸.

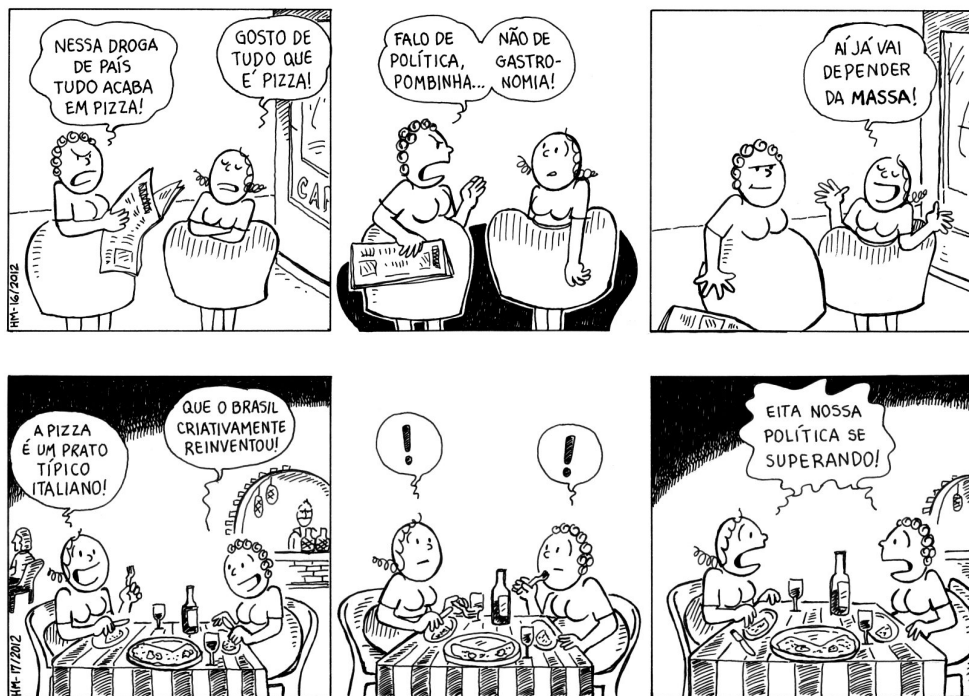
Nas HQs Maria os cenários exibem quase sempre poucos elementos, o espaço costuma ser vago, é claro, têm personagens, diálogos, monólogos, inseridos ou não em balões de fala, têm ainda palavras de ordem e placas de protesto. Em algumas tiras brechas de papel aparecem sob um tracejado preto, contudo isso, a estilística é arejada e de escassos chapeados.

Há algumas exceções acerca de ambientações, em Maria Magazine n^o4 (2013), por exemplo, das 10 páginas de tiras apenas uma delas compõe um cenário de restaurante italiano, lá estão sentadas à mesa Maria e Pombinha, pode-se ver o prato de pizza, pratos individuais, garfos e facas, taças e garrafa de vinho, toalha de mesa com listras, e ao fundo um forno à lenha ou uma espécie de balcão, um cenário como este é raro e sua função está expressa nos balões apresentados na capa da revista:

8. A noção de “espaço narrativo” foi pesquisada em Vivina Viana (1990) e Antônio Dimas (1985), obras citadas na bibliografia, acrescidas por consultas a outras publicações destes autores na internet.

Maria: Nessa droga de país tudo acaba em “pizza”!

Pombinha: Aí vai depender da massa!⁹



Em *Olhai os lírios no campo* (1998)¹⁰, num total de treze histórias em 45 páginas, ficam fáceis de enumerar as cenas que definem os espaços externos das narrativas, dentre elas pode-se ver um único recanto definido de praça, uma única árvore, uma fachada de prédio, um céu estrelado, e por aí vai. Nas cenas internas aparece uma maior variedade de objetos e adereços para identificar espaços como sala de jantar, sala de estar, quarto, cozinha, banheiro, mesmo assim não são ambientes predominantes.

Em *Seu nome próprio... Maria! Seu apelido, Lisboa!* (2015), num total de cinco histórias em 49 páginas, a publicação portuguesa reuniu

9. *Maria Magazine* n. 4. *Nessa droga de país tudo acaba em “pizza”!...*, 2013, p. 12.

10. *Maria: Olhai os lírios no campo*, 1998. Cenas externas: praça, p. 7 e p. 12; árvore, p. 11; calçada, p. 18 e p. 41; céu estrelado, p. 43; banca de revista, p. 48 e parada de ônibus, p. 49.

algumas tiras já publicadas no Brasil e as reeditou com os títulos: 1. Espirituosidade; 2. Rito de passagem; 3. Socialidades; 4. Política é o fim e 5. A linguagem do amor¹¹. Elegi duas delas para verificar o uso do espaço externo, não me ative ao ambiente interior doméstico por ser escasso e quando ele é utilizado costuma exibir mais objetos de sala de jantar ou de estar e janelas. Enquanto no caso do espaço externo os cenários de caráter político chamam atenção:

1. Espirituosidade, 18 páginas, contei cinco cenas externas, uma delas exibe uma panorâmica lotada de pessoas numa manifestação com faixa: “mais verbas para a *educassã*”;

3. Socialidades, 14 páginas, dentre todas as histórias desta revista é a que mais explora o espaço externo, destaco as cenas em que Maria participa de uma manifestação naturista e outra em que ela é parada por um guarda de trânsito, multada por pilotar moto alcoolizada devido ao exagero no perfume¹².

Nas HQs Maria a superfície visual é usada para cumprir seu papel funcional na ação, em raríssimos casos são detectados adereços, mesmo assim eles atendem a exigências do enredo, dificilmente é visto um capricho embelezador. Em *Quarentona, mas com tudo em cima* (2015), na capa há uma estampa floral para compor a fantasia de Carmem Miranda; em ambientações de festas de Natal e Carnaval aparecem detalhes decorativos típicos; numa pregação religiosa ou militância por liberdades políticas são vistos adereços específicos; em balão de xingamento aparece: “ora sua... caveira, bomba, prego, seringa, facão, cobra e lagarto”, ou seja, em todos os casos os detalhes são funcionais.

11. *A linguagem do amor*, na edição portuguesa, foi interceptada antes da revelação de que Maria e Pombinha são lésbicas, em seguida, vem o pedido de casamento e o *beijo de língua* final, na edição brasileira. Em Portugal os leitores viram apenas o *beijo de língua* na abertura da história e no final ficaram com um abraço entre as duas sob o balão: “Nossa amizade não é nenhum segredo!”.

12. *Maria: Seu nome próprio... Maria! Seu apelido, Lisboa!* (2015). Cenas externas: feira pública, p. 30, banco de praça p. 33, rua com papa móvel, p. 35, fachada de igreja e pedinte de rua, p. 36, rua com perseguidores, p. 40, dirigindo moto, p. 41 e em manifestação naturista, p. 42.

Quando digo que vou mirar por baixo da saia de Maria, tenho muita consciência da visão oclusiva da proposta, trata-se de um espaço não visto e na condição de desconhecido ele desperta curiosidade e desconfiança. A escolha do lugar para exame veio da minha preferência pela significação encoberta e inexplicita, trata-se de um recorte analítico que elege pressupostos simbólicos de nuances disfarçadas e reservas latentes.

Em *Maria Magazine* n. 5 (2014)¹³, um exemplo é quando a expressão “metalinguagem” funciona como trocadilho para “meter a língua” e significar um “beijo de língua”. O beijo exibido pra fora das bocas funciona como um link condutor a sentimentos não visíveis, mas que podem ser imaginados pelo leitor. Cria-se uma especulação divertida por pressupor que em qualquer beijo de boca as línguas se acariciam em reservado; já na exibição das línguas metidas pra fora a sofreguidão é incontestável, pois no desenho caso os lábios estivessem colados o beijo de língua seria uma incógnita.

2.1. Ponto de vista

Nas HQs *Maria* os temas subjetivos como amor, solidão e raiva não exibem dados de identificação visual, as questões de ordem interior podem ser percebidas na gestualidade da personagem, no balão de fala, no vazio do cenário. Em assuntos acerca de política, manifestação, religião, festas, já foi dito, apresentam escassos objetos funcionais, boa parte deles são elementos referenciais do espaço público e doméstico, de modo que denote tratar-se de uma moradia, local de trabalho ou de lazer.

Quando aparecem é para atender a uma exigência do enredo, Vivina Viana (1990, p. 8) esclarece que uma das atribuições do “espaço funcional” é definir a ação da personagem, ou seja, nas HQs *Maria* não há espaço que se constitua numa personagem, ele atua como condutor

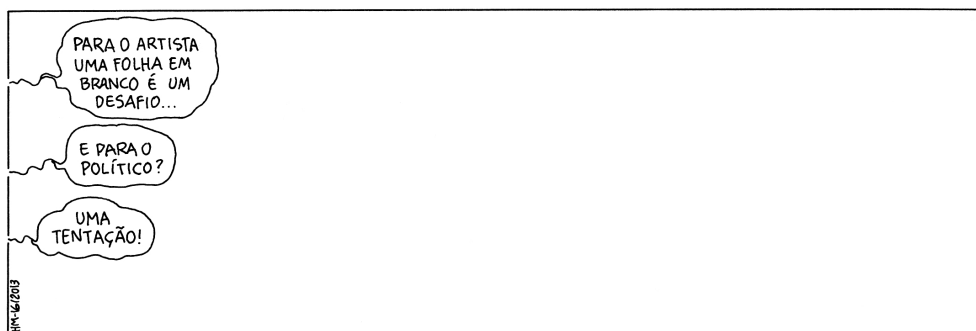
13. *Maria Magazine* n. 5. *A linguagem do amor*, 2014, p. 4-12.

por onde as personagens passam com suas histórias, trata-se de um espaço acolhedor.

Apesar da atmosfera fictícia, os enredos são extraídos da realidade social, política e pessoal do criador, desde que se entenda que a ação é criada pela fantasia do autor e conta também com a nossa fantasia para preencher os espaços encobertos. Aparecem espaços vazios que dão ideia de solidão, mas podem atender a outros propósitos, irá depender do modo como o leitor experimenta, o importante é saber que a vacuidade deles desperta reflexões.

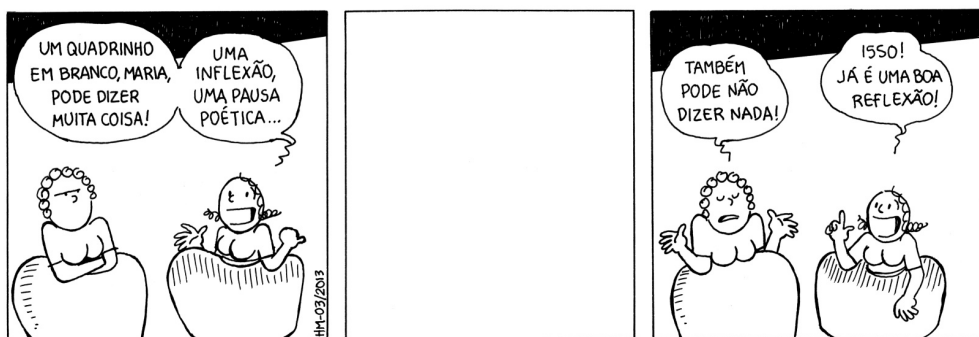
O poder do espaço é incontestável e equivale ao de qualquer outro componente, foco narrativo, personagem, tempo etc. Antônio Dimas (1985, p. 5) diz que cabe ao leitor ir descobrindo, gradativamente, o espaço em sua funcionalidade e organicidade, pois muitas vezes ela está dissimulada entre outros elementos narrativos. Por exemplo, qual a função do espaço em branco no desenvolvimento do enredo?

O uso do espaço em branco, seja no quadro ou balão, é um convite ao preenchimento de sua incompletude. Em *Hino ao amor* (2015)¹⁴, uma das tiras é apresentada em branco e exhibe apenas três balões no canto esquerdo com os dizeres: “Para o artista uma folha em branco é um desafio... E para o político? Uma tentação!”. O espaço “branco” revela uma estilística endereçada ao leitor, com apelo interativo, onde o próprio “vazio” protagoniza um convite a sua futura ocupação.



14. Maria: *Quarentona, mas com tudo em cima*, 2015, p. 13-18.

Em *Filosofia vã* (2015)¹⁵, no primeiro quadro de uma das tiras o balão diz: “Um quadrinho em branco, Maria, pode dizer muita coisa! Uma inflexão, uma pausa poética...”. O segundo quadro está vazio e o terceiro quadro fecha a ideia em dois balões: “Também pode não dizer nada!”; “Isso! Já é uma boa reflexão!”. Aqui o quadro “vazio” é meta-reflexivo, mesmo em “branco” sem dizer algo aparente, ele ratifica que mesmo “vazio”, ainda assim significa.



Cada quadro e balão, cheio, escasso ou vazio de desenho e texto pode instigar visões diferentes, depende do ponto de vista de quem observa, seja do lugar da imaginação ou a partir da reprodução de frente ou de trás, do alto ou de baixo, de dentro ou de fora, de cenas internas ou externas e mais amplas. Nas artes e na vida cotidiana o ponto de vista praticado no plano espacial, físico ou imaginário, é tão importante a ponto de entendermos que o nosso olhar é ideológico e cultural.

Loyola Brandão (1990, p. 6) comenta que a noção de ponto de vista se generalizou e indica também “visão conceitual”, “visão de mundo”, referindo-se ao modo da pessoa “pensar, entender e julgar a partir de conceitos ou posições prévias” para poder enxergar. Acrescenta, a posição no plano espacial de onde somos vistos ou vemos – direita, esquerda, centro – refere-se a posições ideológicas adotadas, mas a ide-

15. *Maria: Quarentona, mas com tudo em cima*, 2015, p. 19-26.

ologia não define tudo e temos que acrescentar ainda outras variantes à lista: idade, poder econômico, repertório cultural, personalidade etc.

2.2. Vejo por baixo

Direciono meu olhar para o plano espacial das oclusões nas histórias, no sentido de exercitá-lo e atrair a atenção do leitor pra baixo da saia de Maria. Visualizo a saia como se fosse uma “tenda mágica” pra gente brincar lá por baixo, nessa direção sigo inspirada no que H. Magalhães falou em conversa informal¹⁶: disse-me que quando era criança gostava de brincar numa “tenda”, feita com qualquer tecido, que ele mesmo adaptava por baixo da máquina de costura da sua mãe.

Foi bom saber dessa sua diversão de infância, ajudou a perceber que o espaço em suas HQs Maria não recebe um trato de estudo prévio elaborado, ele tem caráter de improvisação como numa “tenda” de brincar, quero dizer que o espaço não se revela como um atrativo explícito ou bem definido em muitas histórias, talvez por isso não utilize adornos decorativos ou cenários enfeitados, assim a utilização do espaço funciona como modeladora de subjetividades nos perfis de Maria e Pombinha.

O espaço narrativo não impõe às personagens uma sujeição por força da cena, ele funciona como um palco que recebe as figuras e seus balões sem estar cheio de ilustrações ambientais e adereços. O leitor tem a liberdade de significar o “vazio” e pode se ater de modo mais objetivo ao “foco narrativo” da história. No caso do espaço “vazio”, o leitor faz dele o que bem entende no uso de seu repertório, só não deve esquecer que o “vazio” resulta de resistências interiores do seu criador¹⁷, encucadas no próprio processo de criação, e que funcionam em cumplicidade com o perfil traçado pra personagem.

16. Bate-papo em cafeteria na Praça do Peixe, Aveiro, Portugal, 2014.

17. Sob este aspecto, em particular, não proponho examinar, apenas constato. Tentar qualquer tipo de aproximação às subjetividades do processo de criação exigiria outro tipo de recorte analítico, e leituras feitas em outros campos do conhecimento, com amparo na psicanálise, por exemplo.

2.3. Maria remodelada

Maria vem de H. Magalhães, ela assim como outras personagens surge da capacidade do artista reinventar a si mesmo e ao mundo que lhe cerca; são criaturas de ficção extraídas de circunstâncias sociais e pessoais. Fica difícil para o criador dizer de onde elas vêm e menos ainda explicar para o leitor; muitas vezes quem cria até se descobre a partir da leitura que outros fazem de suas criações: a criação simula a realidade; e viver no mundo objetivo exige de nós simular também a ficção.

Desse modo vejo a presença do “poder da criação” tanto no artista quanto no leitor, por mais realista que uma história possa parecer, não entendo o verossímil em estado absoluto; a vida que temos não é por inteiro “realidade”, nem a ficção é na íntegra apenas fantasia. Por isso mesmo, não é nada fácil saber com clareza de onde as personagens vêm, a certeza é que elas existem no plano da existência artística, isso me parece suficiente por aqui.

Beth Brait (2000, p. 52) define o processo de construção de personagem como um “mágico caldeirão” em que o bruxo vai dosando poções até procriar sua criatura, invariavelmente, existe um narrador que provoca essa “bruxaria”; no caso de Maria o criador não está envolvido diretamente na história, ou pelo menos não há indícios autobiográficos explícitos, ele atua como um ponto de vista que caracteriza a personagem, embora entre ele e a personagem exista uma enorme afinidade.

Já Loyola Brandão (1989, p. 5) vê a personagem como uma invenção da pessoa humana na ficção, um produto da imaginação que imita pessoas e segue modelos: realista, romântica, fantástica etc. Maria tem maior afinidade com o modelo mimético de “ser humano”, na definição de Brandão, do que com a gestão de “criatura” no caldeirão do bruxo, na metáfora de Brait.

Fernando Segolin (2006, p. 78), com base na teoria de Vlademir Propp¹⁸, afirma que “um dos vetores básicos de transformação da narrativa é constituído pelas alterações introduzidas na fisionomia específica deste ser funcional”, refere-se à personagem como um “ser de ficção” funcional no dinamismo da narrativa. Além disso, a “fisionomia” é acrescida por funções e atribuições desses “seres ficcionais”, são marcas essenciais na estrutura da história.

Entendo que nas HQs Maria o vestuário deva ser evidenciado ao invés da “fisionomia”, a saia e seu formato a meu ver tem absoluta importância; já no que se refere à função desempenhada, Maria tem como atribuição a crítica ao mundo conjuntural, contestar a política, problematizar o cotidiano, são suas obrigações constantes, de todo esse conjunto, vejo a subversão da vida sexual como a sua qualidade mais encantadora e relevante.

Este ponto é que me parece emblemático e digno de um olhar atento: o formato inflado da saia e o novo padrão sexual de Maria parecem caminhar juntos em suas transformações. A saia da personagem, por exemplo, de início era comprida em razão de H. Magalhães dizer que não sabia desenhar pernas; depois a saia subiu e armou muito próxima do formato da “tenda mágica” de sua infância, esses aspectos são marcantes por constituírem pistas de leituras valiosas.

H. Magalhães reafirma¹⁹ que Maria tem traços inspirados em desenho de Henfil, do jornal *O Pasquim*, e diz que a personagem mantém afinidades com Mafalda (1964), do argentino Quino, publicada pela primeira vez na revista *Primera Plana*. Fui comparar Mafalda (52 anos) e Maria (41 anos), e posso dizer: a “ingenuidade infantil” da me-

18. V. Propp (1895-1970) importante expoente estruturalista da narratologia, estudioso de 449 contos populares russos, tendo identificado 31 funções, agrupadas em sete esferas de ação por personagem: agressor, doador, auxiliar, princesa e pai, mandador, herói e falso herói. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vladimir_Propp. Acesso em: 2 fev. 2016.

19. Vídeo documentário *Eu sou Maria*, de Mateus Andrade e Regina Behar, publicado no Youtube em 14 dez. 2014. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=SldSiLs_ma8&feature=youtu.be. Acesso em: 2 fev. 2016.

nina Mafalda em nada se aproxima da mulher Maria, o ponto uníssono está no olhar crítico e irônico que envolve questões políticas, cotidianas e humanitárias.

Resumo, Maria é complexa e imprevisível, tem um perfil contraditório que pode alternar entre estar calma e irritada; agir de modo solidário ou proceder com atitudes egoístas; existem ações em que está insegura, frágil, e em outras é absolutamente decidida. Talvez o seu maior charme esteja nas variações de ânimo, nas atitudes inesperadas, além disso, enfrentou mudança profunda do ponto de vista sexual da narrativa, substancialmente radical, corajosa e divertida.

Bolações de alegoria

Há uma proximidade visual inegável entre o “balão de fala” e a simbólica da *saia balão*, aspecto importante ao tema aqui tratado. A diferença entre as duas formas foi vista do seguinte modo: na *saia balão* a “fala” é oculta e diz respeito a algo interiorizado; o seu lado icônico, o boleado da saia, extrai da realidade sentidos associativos por assemelhar-se ao “balão de fala”, esse foi o ponto de partida possível que adotei.

É indiscutível que essa semelhança tenha a dubiedade entre aquilo que parece ser e o que de fato pode ser na minha fantasia e na do leitor. Um exemplo vem de *O pequeno príncipe* (1943), de Antoine de Saint-Exupéry²⁰, ele costuma ser lembrado quando se fala desse assunto: o desenho da jiboia que engoliu um elefante, quando mostrado a pessoas adultas, costuma ter a sua forma associada a um chapéu, a situação serve para dizer que o significado ocorre a partir da experiência de cada pessoa.

Outro aspecto importante é que, aquilo que é escasso no espaço externo tende a crescer no interior da forma abaulada da saia, em razão disso, é justo nesse local reservado, uma espécie de “tenda” das brincadeiras do criador, que se dá o fluxo psicológico de algumas pulsões sexuais, conforme será visto adiante no exame dos beijos e do *strip-tease*.

20. *O pequeno príncipe* na íntegra. Disponível em: <http://www.cirac.org/Principe/Ch1-pt.htm>. Acesso em: 2 fev. 2016.

Resultado, quanto maior retração da visão houver maior será o suspense. O traquejo do escurinho por baixo da *saia balão* atrai a nossa curiosidade e faz crescer as especulações por não permitir descrição. Por sua vez, o não visto da *saia balão* só poderá ser acessado pela exterioridade, as suas incursões de significação ocorrem por analogias encadeadas de fora pra dentro.

A própria obviedade da forma inflada já informa, ela tanto pode ocultar um espaço arejado quanto cheio, sem que ele precise ser declarado, trata-se de uma dedução simples, mas já traduz algo a respeito da forma. É natural que sob o *ponto de vista* do narrador, e sob o meu *ponto de vista*, as significações dos formatos – “balão de fala” e *saia balão* – estejam condicionadas aos tipos de desenhos abaloados e ao repertório de cada leitor, em consequência, tais condicionantes tornam a leitura divertida pra muita gente.

Quando se trata das formas de apresentação do texto em HQ, muito tem sido dito, compreendem balões, legendas, onomatopeias e títulos das histórias. Para atender a demanda de pesquisas, recomendo a leitura de capítulos acerca do assunto em Antonio Luiz Cagnin (*Os quadrinhos. Linguagem e semiótica*, 2014) e Álvaro de Moya (*Shazam!*, 1970), nestes trabalhos podem ser encontradas informações sobre a articulação da linguagem HQ (“balão de fala” e desenho), nas suas funções de “fixação” (balão fixa imagem) e de “ligação” (balão e imagem são complementares) do significado.

3.1. Balão sobe

Na tira aqui destacada há uma relação associativa entre “balão de fala” e sua representação no espaço, ela exhibe dois símbolos distintos embora eles sejam similares na forma: balão de festa e “balão de fala”. A ideia alegórica dessa tira consiste em articular uma síntese entre os

dois tipos de símbolos, de tal sorte que a fala da personagem se mistura ao gás hélio (ou hidrogênio) de um balão de festa infantil:

Pombinha: Tem alguma coisa estranha nessa tirinha! Ei! Eles estão subindo!

Maria: Claro! São balões!²¹



Ocorre que os “balões de fala” flutuam mais acima das personagens e surpreendem na mistura de sentidos. A tira faz alusão a um balão de festa (passado) atribuído a um “balão de fala” (presente), juntos os balões constroem o sentido alegórico. O jogo associa o próximo ao distante promovendo a junção entre aquilo que se tem e o que já se foi, e só agora é instigado a ser extraído da memória do leitor.

Maria conduz uma associação e por similitude naturaliza o encontro entre os balões “de fala” e de festa infantil, o ilusionismo alegórico permite enxergar o “balão de fala” na identidade do balão de látex e vice-versa, uma imagem é colada na outra e seu sentido passa a ser inseparável.

Mas entender a natureza simbólica (presente/ausente) dos balões não é tudo, deve-se considerar ainda a distância entre as significações do leitor e criador²², ou seja, vale lembrar que a alegoria contém as marcas daquilo que a resultou. Além disso, a alegoria tem origem na

21. *Maria: Espirituosa... Há 30 anos!*, 2005, p. 60.

22. Implica dizer que, a alegoria inclui a noção de signo constituída pela relação entre significante (o “balão de fala” está no lugar do balão de festa) e seus respectivos significados atribuídos pelo leitor.

contradição entre os elementos abstrato (*ideia* de balão látex) e material (atribuída ao “balão de fala”), é nesse percurso que ela consegue promover a fusão entre os balões de gás e de fala²³.

3.2. Balão furado

Já a estratégia alegórica desta outra tira, equipara um desenho de “balão de fala” com a gíria “papo furado”. A fala de Zefinha é retrucada por Maria acerca de um assunto que versa sobre o seu insucesso em seduzir um padeiro e um porteiro. Dizer a alguém que está com “papo furado” equivale denotar que a conversa da pessoa é boba ou inventada; no desenho a abstração de “papo furado” materializa-se num “balão de fala” furado:

Zefinha: Zeca, da padaria, continua me dando bolo [...] Zezinho, da portaria, não abre nem pro trem...

Maria: E você não fecha esse papo furado!²⁴



23. Flávio Kothe (1986) esclarece que a alegoria reproduz a metafísica do pensamento (de Platão aos nossos dias), e isso impõe a oposição entre o espiritual (eterno) e o corpóreo (transitório). A noção também resulta de conhecimentos dos campos da linguagem, semiótica, filosofia, e tem origem em categorias do marxismo (supraestrutura, espiritual; e infraestrutura, material).

24. Maria: *Espirituosa... Há 30 anos!*, 2005, p. 61.

O desenho do “balão de fala” incorpora o sentido da sua própria fala, o “papo furado” aparece substancializado na forma de um balão furado, com seu texto prestes a escorregar pela abertura. É indiscutível a importância das falas em HQs, as histórias ganham muito mais ação, voz e movimento quando estão associadas à prosopopeia do “balão de fala”.

A alegoria atribuída ao “balão de fala”, seja quando flutua ou está furado, conduz significados que estão além da compreensão literal daquilo que é texto e imagem, implica entender que este recurso não está expresso apenas no texto da fala, ele dirige-se também aos olhos e ao desenho.

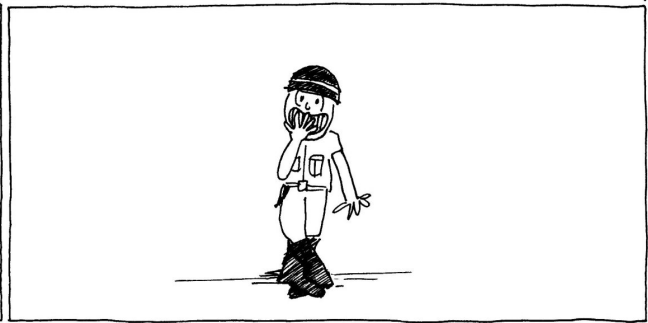
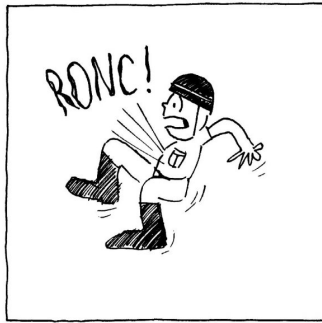
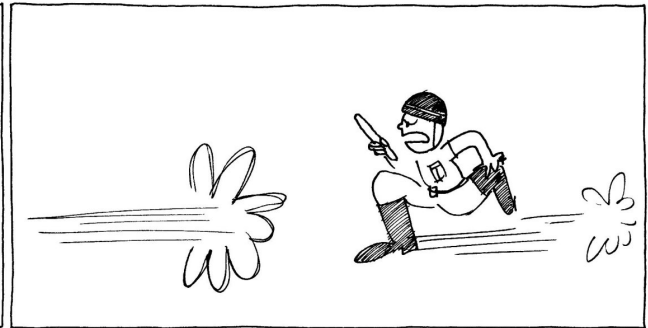
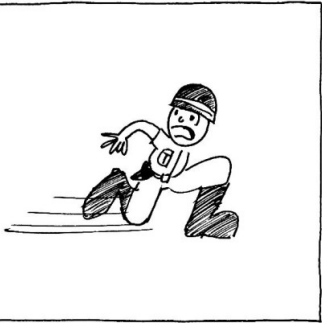
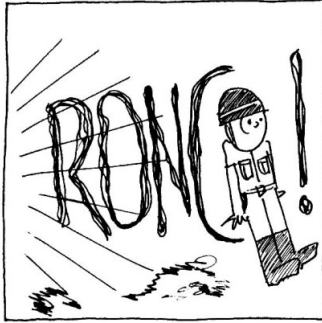
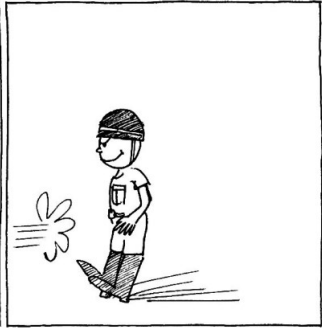
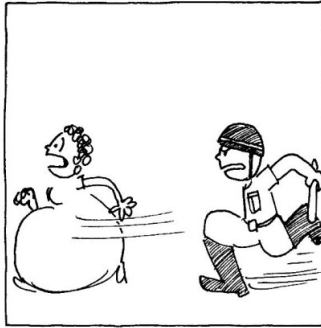
Resulta que qualquer acesso à significação alegórica exige uma leitura conjugada entre criador, personagem e leitor, ela nunca está livre de juízos e repertórios pessoais, e pode rejeitar ou se identificar com as falas que voam em alguns balões de festa ou escorregam por outros tantos balões furados.

3.3. Balão ronc! ronc!

Esta outra alegoria de “balão de fala” já faz uso de imagens acústicas²⁵. Um “ronc!” soa na barriga de Maria e ecoa na barriga do policial que passa a soar “ronc!”. A cena reúne estômagos de lados opostos que rosnam subordinados a uma mesma condição orgânica involuntária, fisiológica, política e autoritária.

A ideia exhibe a metáfora da fome, da pobreza, dos conflitos políticos e da repressão do regime militar no Brasil. O “ronc! ronc!” dos corpos faz alusão a necessidades de alimento para manter suas atividades inerentes à vida. Esta simbólica da “fome” e da “liberdade” não escolhe lados e equipara as carências da população com as do aparelho policial de repressão.

25. Contestação sonora. Maria. *Espirituosa... Há 30 anos!*, 2005, p. 15.



O “ronc! ronc!” desse modo é uma crítica feita à violência e aos graves distúrbios sociais decorrentes do golpe militar. A onomatopeia “ronc!” sugere também um martelar ao pé do ouvido do policial e a situação faz recordar o registro de torturas que eram sonoras e intermitentes, usadas para desgastar ao extremo o preso político, de modo a não permitir que ele raciocinasse ou dormisse.

As tiras podem recordar ainda a “representação da sociedade romana”, atribuída a Cícero e Tito Lívio²⁶, ela funciona para ilustrar as associações aqui sugeridas: Menênio Agripa, de origem plebeia, é enviado a Monte Sacro, acampamento da plebe, para narrar o que ocorria quando o corpo humano não era harmonioso, quando as partes se revoltavam contra o estômago acusando-o de ocioso; sem as mãos levarem o alimento e os dentes mastigarem, o objetivo era domar o estômago pela fome, porém perceberam que o estômago devolvia ao corpo o sangue que lhes dava vida.

Há uma correlação de forças entre as partes do corpo, o sangue dá vida e força através de nutrientes, que resultam da digestão dos alimentos. Assim o enredo evidencia a divisão orgânica do trabalho do corpo e a equipara à divisão social do trabalho, nos dois casos ocorrem encadeamentos de mútua dependência, que obedecem à lógica solidária de “Um por todos, todos por um”, o lema é conhecido e refere-se a uma frase em latim “Unus pro omnibus, omnes pro uno”, associada ao romance *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas²⁷.

26. A Sociedade Romana em Cícero e Tito Lívio. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=158>. Acesso em: 1 fev. 2016.

27. Em francês: “Un pour tous, tous pour un” é o lema de D’Artagnan, Athos, Porthos e Aramis, protagonistas de *Os três mosqueteiros*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Unus_pro_omnibus,_omnes_pro_uno. Acesso em: 1 fev. 2016.

Por baixo da saia de Maria

Procuirei conhecer a origem da *saia balão* e só depois é que os elementos *personagem* e *pontos de vista* foram usados para direcionar o exame da forma quanto a seus espaços interno e externo. O modelo *saia balão* foi criado após a II Guerra Mundial, em circunstância de extrema economia de tecido; sua forma abaulada é similar a de um paraquedas (Apêndice I) e o volume inflado recorda a “tenda” de brincar de H. Magalhães.

Maria usa algumas saias boleadas que parecem estar prestes a estourar, essa mesma forma aparece nas suas carinhas de “bolas plásticas” parecidas com bexigas infantis, os seus limites inflados se aproximam a “estados de ânimo” vividos no regime militar, mesmo que se tenha reserva imaginativa, não fica difícil vincular formatos “cheios” a uma metáfora de “repressão”, levando em conta que “bolas látex” estufadas ao extremo também estouram.

Essas analogias são metáforas livres e servem para enfatizar que a HQ Maria mantém fricção crítica contrária ao regime militar; além da empatia que nutre pela linha editorial do *Pasquim* (1969-1991)²⁸, tabloide explosivo em suas denúncias feitas à repressão militar, Maria ainda se aproxima deste jornal, em razão de seu criador ter visto no desenho de Henfil inspirações para seu traço.

28. Jornal *O Pasquim* (1969-1991), de formato tabloide e periodicidade semanal, fundado por Jaguar, Tarso de Castro, Sérgio Cabral e Ziraldo, com sede no Rio de Janeiro, enquanto existiu foi reconhecido por ter feito oposição ao regime militar. Disponível em: <https://caminhosdojornalismo.wordpress.com/producao-em-impreso-2/jornal-o-pasquim-2/>. Acesso em: 2 fev. 2016.

A estratégia de leitura refere-se à invasão da “privacidade” de Maria e por extensão acaba tocando na intimidade do leitor; espiar por baixo da saia no contexto *voyeur*²⁹ significa perscrutar a crítica a partir de interiores reservados, procurando identificar contestações feitas à opressão militar e outras, religiosa, homofóbica, machista etc.

4.1. Subversões, amor e sexo

O humor da HQ Maria traz assuntos políticos envolvendo o cotidiano e as lutas em defesa das minorias; trata dos percalços da solidão e explora a linguagem do amor. Os temas inspiram enredos carentes de reflexão e por esta razão os escolhi, norteiam questões sobre homossexualidade, feminismo etc. Em uma das tiras as palavras “amante, caçarola, meter o pau, unir a massa e articular sindicatos” chamam atenção, em razão do vínculo mantido com uma de suas bandeiras-chave: “amor é a maior das subversões”.



Capa do álbum *Maria: A maior das subversões*, 1984

29. No idioma francês, *voyeur* significa “aquele que vê”. O termo descreve uma pessoa que observa os outros sem participar; captura momentos íntimos ou privados de outros sem se relacionar diretamente com aquilo que espia. Temos aqui uma ressalva importante, por entender a leitura como “participativa” do texto, de acordo com Flávio Kothe (1986, p. 66): “À medida que o leitor lê a si mesmo através do texto, ele não lê propriamente o texto do autor nem o autor no texto, mas apenas o autor que ele mesmo se torna por meio do texto do autor”.



A crítica é dirigida ao “conservadorismo” acerca do que se entende por amor e refere-se ainda à “apatia” das pessoas em suas articulações políticas. Maria usa o trocadilho “amante” para provocar reflexões simples: “Tem coisa mais bonita que amante? Aquele que ama?”. Faz alusão ao amante da arte, da música, do teatro³⁰, funciona como uma pegadinha para fazer pensar de modo multidirecional. Maria diz sentir-se ótima, mas está debochando³¹, e conclama a massa:

Zelador: Na minha opinião a gente deveria meter o pau logo nos grandes, brigar, unir a massa, articular os sindicatos...!³²

30. *Maria: Espirituosa... Há 30 anos!*, 2005, p. 32.

31. *Maria: Espirituosa... Há 30 anos!*, 2005, p. 32.

32. *Maria: Espirituosa... Há 30 anos!*, 2005, p. 11.



A cena converge “amante” e “articular sindicatos”, nessa proximidade, o amor aparece lado-a-lado ao gesto de invocar a massa para aderir a um protesto político organizado por sindicato. A *pregnância*³³ entre os dois apelos distintos vincula um tipo de subjetividade amorosa a demandas materiais do mundo da política, com isso os direitos humanos de caráter econômico e social são aparceirados a amorosidades.

Em resumo, política, amor e sexo são temas friccionados para convergir numa relação íntima e essencial à vida, suas discrepâncias são aparências, a exemplo também de possíveis discrepâncias quanto ao par amoroso Maria e Pombinha; os assuntos aparecem turrados por falsas distensões, quando na verdade estão integrados num único volume de significação, ordenados por uma política material afetuosa dos direitos humanos.

33. A “pregnância” facilita a compreensão da composição visual (texto/imagem), quanto maior ela for maior será a rapidez da leitura da forma, e melhor será a comunicação entre o objeto e seu público.

4.2. Selinho no sabor de política

A Maria heterossexual é transmutada³⁴ para a Maria homossexual. Uma espécie de efeito *morphing* no texto transforma a personagem no gênero sem alterar a sua figura, exterioriza a sexualidade em seus atributos homossexuais e valida a luta em defesa do amor LGBT. O *Cartão postal* (1982), criado para o grupo gay *Nós também*, oficializa o romance entre Maria e Pombinha com seu primeiro “beijo selinho”. Outros beijinhos virão, em *Maria: a maior das subversões* (1984) surgem mais dois sonorizados: Schuts! e Smack!



Primeiro beijo selinho, cartão postal (1982)³⁵

34. Entendo o termo “transmutar” como um processo de mudança de um estado superficial para outra projeção de um novo estado, visto como infinito e com possibilidades de fluir em outra dimensão.

35. *Maria: Espirituosa... Há 30 anos!*, 2005, p. 9.



Beijo selinho sonoro, *A maior das subversões* (1984)³⁶

Maria e Pombinha quando dançam ao som de *Caçador de mim* (1981) exibem um encontro feliz após a procura interior, que na letra da música é similar a uma caçada. A cena sugere ir ao enalço do amor, esteja ele acuado como uma fera ou desejado como um beijo. O *clímax* da letra diz sobre caçar a “si mesmo”, mas fica subtendido ir além, e caçar o “amor”, para compor uma mescla primordial de afetuosidades na vida de qualquer pessoa:

[...] Doce ou atroz, manso ou feroz
 Eu, caçador de mim.
 [...] Nada a temer
 Senão o correr da luta.
 Nada a fazer
 Senão esquecer o medo.
 [...] Vou descobrir o que me faz sentir

36. *Maria: A maior das subversões*, 1984, p. 7.

Eu, caçador de mim.

(*Caçador de mim*, S. Magrão e L. Carlos Sá)³⁷

A pulsão amorosa está aliada a impulsão política. Bradar por liberdade, sexo, comida, são bandeiras indistintas, sobretudo quando o que está em jogo é o respeito à dignidade da pessoa, são direitos à vida e ao amor. Na poética “caçador de mim” fica pressuposto que quando se insiste no outro, não se desiste de si mesmo; caçar a si mesmo numa busca sem medo é buscar a completude no outro, num jargão popular equivale a “amar sem medo de ser feliz”.

A “caçada” surge como um desafio para superar a ausência do outro e isso sinaliza o vazio causado pela falta do amor, equivale a superar o temor de se perder e de se encontrar no amor, e nesse caso a utopia do amor pode não fazer sentido, pois quando o amor desejado for encontrado ele já será outro, distinto daquele idealizado. O amor tende a ser continuamente fugidío e talvez por isso seja um afeto de frágil cuidado e difícil de ser encontrado.

As poéticas da MPB tratam desse revés do amor, causado por sua falta ou ausência, e algumas letras são agudas ao tocar nesse infortúnio:

E eu sem você sou só desamor. Um barco sem mar, um campo sem flor [...]. Sem você, meu amor, eu não sou ninguém.
(*Samba em prelúdio*, Toquinho e V. de Moraes)³⁸

Às vezes no silêncio da noite. Eu fico imaginando nós dois. Eu fico ali sonhando acordado. Juntando o antes, o agora e o depois.
(*Sozinho*, C. Veloso)³⁹

37. Música *Caçador de mim* - Disponível em: <http://www.letras.mus.br/milton-nascimento>. Acesso em: 2 fev. 2016.

38. Música *Samba em prelúdio* - Disponível em: <http://www.letras.mus.br/vinicius-de-moraes>. Acesso em: 2 fev. 2016.

39. Música *Sozinho* - Disponível em: <http://www.letras.mus.br/caetano-veloso>. Acesso em: 2 fev. 2016. Nota: apesar de no site constar a música como sendo de Caetano Veloso, que a canta, a autoria é do compositor Peninha.

O risco melodioso do amor entre Maria e Pombinha é “desassossegado”. Como em qualquer outro romance, o desejo de se reconhecer e se acalantar no outro enfrenta o imprevisível, mesmo sabendo que “é preciso ter peito”, ter coragem de lutar porque “é um direito!”.

No *Cartão postal* a simbólica se apoia na perseguição do amor como a uma caça; o “beijo selinho” do *Cartão postal* é uma bandeira de luta em defesa do amor para “o agora e sempre”, ele projeta a fulgência dos sentimentos em expectativas futuras: “Nada a temer senão o correr da luta”. A figura do beijo e a poética da música reforçam ideais em longo prazo de amor e felicidade.

É interessante, acerca da incompletude do amor, reconhecer o seu poder na recriação, já que para quem ama não existe o impossível e quem ama tende a idealizar seus afetos, resulta que o amor sendo indômito à racionalização, e de certo por isso mesmo, ele precise ser o que desejamos que seja:

Serás quem eu quiser. Farei de ti um ornamento da minha emoção posta onde quero, e como quero, dentro de mim. Contigo não tens nada.

(*A crueldade da dor*, F. Pessoa)⁴⁰

O “beijo selinho”, em seu pequeno gesto, aproxima-se de um contexto do dia-a-dia com promessa futura de amor “por todos os dias”, desse modo ultrapassa a fronteira do apenas romântico e galhardeia o desbloqueio do amor gay. De certo, outros “beijos selinhos” foram sendo dados a partir de 1982, não pesquisei tiras avulsas publicadas em jornais feministas e de grupos gays, ou mesmo fanzines brasileiros e portugueses, ou mesmo quando participou de campanha política do PT em João Pessoa, são lacunas geradas ao longo dos quarenta anos de Maria, o autor reconhece são difíceis de contabilizar⁴¹.

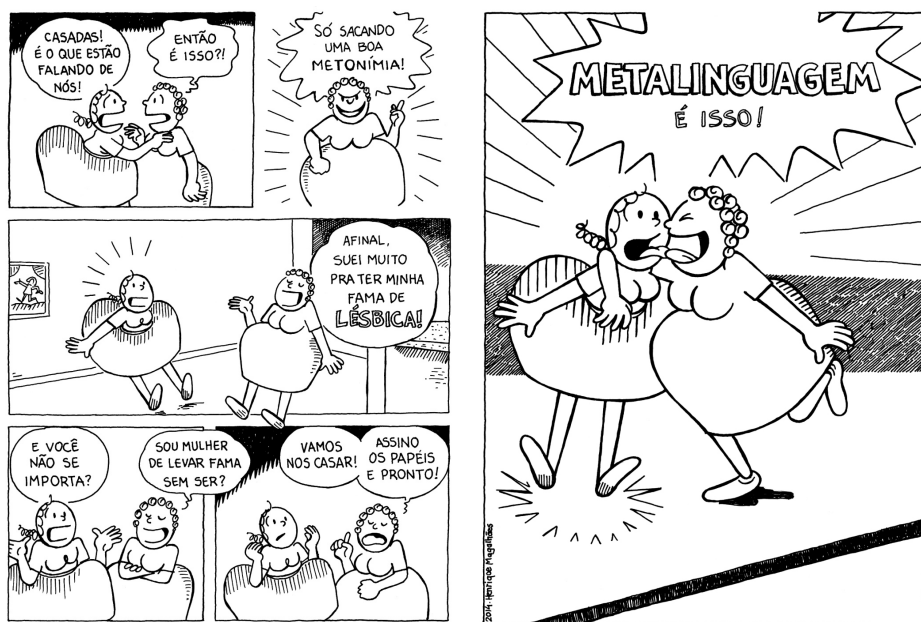
40. Poema *A crueldade da dor* - Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4456>. Acesso em: 2 fev. 2016.

41. Maria. *Espirituosa. Há 30 anos!*, 2005, p. 9.

4.3. Línguas desentocadas

Uma das mais ousadas histórias da série *Maria Magazine*⁴² é *A linguagem do amor* (2014)⁴³, sua narrativa é constituída por 43 quadros, contrariando o formato habitual dos três quadros das tiras. Versa sobre o amor gay, tem início num “fuxico” de que Maria e Pombinha são lésbicas, passa por um pedido de casamento, até atestar com um “beijo de língua” o que é “metalinguagem”. Três diálogos essenciais definem em síntese o seu enredo:

Pombinha: Casadas! É o que estão falando de nós!
Maria: Vamos nos casar! Assino os papéis e pronto!
Desfecho: Metalinguagem [dá um beijo]. É isso!



42. *Maria Magazine* n. 5. *A linguagem do amor*, 2014, p. 4-12; também reproduzida na *Maria. Quarentona, mas com tudo em cima*, 2015, p. 37-46.

43. *A linguagem do amor* é encadeada por figuras de linguagem, com desenhos e textos associados: onomatopeia - *Toc, toc, toc!*; prosopopeia - *É meu coração que grita!*; eufemismo - *Somos nós! Fi-gu-ras?*; metonímia - *Afinal, suei muito pra ter minha fama de lésbica!*; metáfora - *Onde fica a fantasia?*.

O “beijo de língua” acontece às claras: Maria puxa Pombinha para si pelo pescoço, as línguas são esticadas para fora das bocas e as duas se descolam do chão. As bocas abertas parecem gargalhar, ao passo que as bocas no “beijo selinho” imitam sorriso, o contraste entre os beijos alternam perspectivas visuais que vão do chão ao auge, afigurando afetos que vão do brando ao ouriçado, do comedido ao impudico.



Do beijo selinho⁴⁴ ao beijo de língua⁴⁵



O suspense do “beijo de língua”, no final da história, foi interceptado na capa da HQ. Mesmo que os dois beijos sejam distintos, aquele que aparece na capa esvazia o trocadilho “meter-a-língua”, adianta o elemento surpresa indispensável ao desfecho da história, afora isso, as mãos de Maria na capa estão em posição de maior aconchego se comparadas com as mãos exibidas no interior, além de passar a ideia de “contar o final”, ou melhor, de “mostrar o final” antes do término da história.

44. *Maria: Espirituosa. Há 30 anos!*, 2005, p. 9.

45. *Maria Magazine* n. 5. *A linguagem do amor*, 2014, p. 4-12.



Beijo de língua na capa⁴⁶

O beijo de boca é um clássico ficcional do amor, usado em desfechos românticos no cinema já faz tempo, desde o século XIX, além de ter vários antecedentes registrados na pintura, na literatura. Na HQ Paraibana o molde romântico foi usado no beijo de lábios (1982) e com as línguas desentocadas (2014), levou 32 anos até a intimidade do “beijo de língua”, ou “beijo francês”⁴⁷, desnudar as línguas buliçosas de Maria e Pombinha.

Em *Quarentona, mas com tudo em cima* (2015), uma homenagem aos 40 anos de Maria, novas histórias exibem beijos inseridos em contextos do amor gay, aliados a exigências de civilidade, polidez e educação, eles aparecem em quatro histórias: “Hino ao amor”, “Filosofia vã”, “Ato político” e “O tempo voa”. A partir de 2015, percebe-se uma maior quantidade de beijinhos nos enredos.

46. *Maria Magazine* n. 5. *A linguagem do amor*, 2014.

47. Há uma tipologia divertida de beijos com atributos de nacionalidade: “beijo esquimó” - esfregando suavemente as pontas do nariz; “beijo italiano” - com os lábios colados na bochecha são feitos movimentos circulares com a língua; “beijo japonês” - dado pelo homem na nuca da mulher; “beijo chinês” - estalado na bochecha após inspirar o perfume do parceiro e o “beijo francês” - é o beijo de língua. Disponível em: <http://www.significados.com.br/tipos-de-beijos/>. Acesso em: 2 nov. 2015.

4.4. Beijo nunca envelhece

Parodiando concursos de beijos em TVs e Cinema, penso que o primeiro “beijo de língua” entre Maria e Pombinha seja o mais longo beijo⁴⁸, se levarmos em conta o caráter de impressão da história. Afora a brincadeira com a duração de um beijo impresso, o que importa mesmo é assinalar o “beijo selinho” e o “beijo de língua” como pioneiros do beijo gay na HQ Paraibana, assim como outros beijos também foram precursores no cinema⁴⁹:

1º beijo da história do cinema, *O beijo* (1896);
1º beijo gay, *Homicídio involuntário* (1922);
1º beijo de língua, *Clamor do sexo* (1961);
54 minutos de beijos, compilados por W. Allen, *O beijo* (1963).

O imaginário do beijo é antigo e possui vários repertórios, vai do termo “ósculo”, que em latim significa “boquinha”, até variações informais como “beijoca, bitoca, beijinho, beijão”, e mais “beicinho, biquinho, boquinha...”, cada um dos termos tem seu sentido particular de afeto. O campo imaginoso do beijo é amplo e alcança a criação artística em diferentes partes do mundo, campos e saberes.

O *clímax* do “beijo de língua” (2014), entre Maria e Pombinha, numa visão comparativa é mais ousado que o tímido “beijo selinho” (1982), por outro lado, o recente beijo *língua virgem* (LV) não embaça o anterior beijo *boca virgem* (BV), ocorrido há 32 anos. O que o “beijo de língua” fez foi revigorar a relação amorosa que dura três décadas,

48. O beijo de boca mais longo já registrado aconteceu em concurso na Tailândia, com duração de 50 horas, 25 minutos e 1 segundo; em episódio do *The Bachelor*, programa americano da ABC, o beijo entre Sean Lowe e Lesley M. durou cerca de 3 minutos e 15 segundos. Disponível em: <https://www.significadosbr.com.br/beijo-na-boca>. Acesso em: 2 nov. 2015.

49. Disponível em: <http://www.guiadoscuriosos.com.br/categorias/4106/1/beijos-no-cinema.html>. Acesso em: 5 abr. 2015.

vivificando o “beijo selinho” ao reafirmar o mesmo afeto de lá pra cá, isso inspira a ideia de um amor duradouro.

O beijo entre as línguas traduz sua força política no modo voraz de dizer: eu desejo! As duas línguas ressaltam a avidez do beijo e fazem saltar do chão as personagens infladas pela sofreguidão, aparentam querer extrair hidrogênio do beijo para flutuar igual a “balões de festa” ou saltar feito “saías paraquedas”, são metáforas que equivalem a “ver passarinho azul”.

Quando as línguas trocam carícias, a volúpia deixa de ser reservada e o sexo é desprendido, a contar que este órgão tem terminações nervosas que transmitem mensagens ao cérebro, que as transforma em sensações sexuais. Beijar a boca, por assim dizer, é um atalho sexual, é um gesto de posse que funciona por contaminação de desejos.

O beijo entre línguas desentocadas conduz uma poética visual libidinosa do sexo, libertá-las das bocas foi uma ideia valiosa, pois na perspectiva de desenclausurar órgãos erógenos, as línguas se transmudam em pênis e seus carinhos ultrapassam o beijo. Penso que a marca de gulodice desse beijo não envelheça nunca e que a avidez de querer engolir a língua, o pênis ou o “maior amor”, daqui pra frente é possível que fomente cenas picantes do sexo gay.

Maria, nua e crua!

A revista PQP apresenta Maria 8, de título *Nua e crua! Ditadura dos quartéis* (1980)⁵⁰ foi produzida artesanalmente do desenho à montagem, antes ela teve algumas edições confeccionadas pela editora da UFPB. A sigla PQP – Produção de Quadrinhos da Paraíba – alfineta ainda com o trocadilho “**puta que pariu!**” os entraves no processo de sua publicação. Maria exhibe na capa desta edição um sorriso largo e malicioso, levanta a saia e no lugar do seu sexo uma tarja diz: “Escândalo!!!”.



Capa *Nua e crua! Ditadura dos quartéis* (1980)

50. A revista é constituída por 16 páginas de miolo, três delas exibidas em quadros únicos, as demais subdividem de 2 a 6 quadros, num total de 44 quadros. Os desenhos foram concebidos com traços ligeiros e divertidos em sua liberdade de criação.

No primeiro quadro, Maria “enfumaça” de raiva e dirige-se ao Batalhão de Infantaria, unidade militar de certo comandada por um coronel, tenente-coronel ou um major, pode ter um efetivo de 250 soldados acima. Na expectativa, indaga-se como ela irá enfrentá-los? A sua missão é desobstruir as proibições militares que encontrar pela frente. Mas antes, qual é a aptidão da Infantaria? Combater a pé, também pode usar transportes, atua em diferentes tipos de terreno e sob quaisquer condições meteorológicas; na Infantaria brasileira existem as especialidades motorizada, de selva, de montanha, de caatinga, polícia do exército e de guarda, e outras⁵¹.

Maria não se faz de rogada e avança portão adentro, com sua saia cheia, cheíssima é bom que se diga, até ser interpelada por um soldado: “Ei! Não pode tá entrando assim!”; outro soldado socorre: “Pra começar, isto nem é lugar de mulher...”. Em resposta Maria, de costas, levanta a saia e mostra o bumbum, os dois soldados caem duros pra trás. Ela avança sem respeitar as recusas: “Não! Não! Não!”. Até que, um General velhinho, de alta patente (cinco estrelas), apoiado numa bengala, toma grande susto com o volume do próprio pinto: “Não!”.

Quando me deparei com a *Ditadura dos quartéis* lembrei, do “vento forte”, aquele que desejei lá no início do livro, capaz de esvoaçar a saia de Maria. Percebi que ele chegou, especificamente, no último quadro desta história, e abriu respostas, enquanto outras permaneceram sem significado aparente, sem imagens que as comprovassem, ou balões de fala que compartilhassem seus significados, de todo modo este particular não se constitui um empecilho à leitura.

De volta ao enredo, o batalhão está bastante intimidado, não há alta patente que resista à devassidão de Maria. Um soldado grita: “Baixe esta roupa...”, ameaça pedir reforço às forças armadas, adverte que se

51. Consultas foram feitas ao site CPORPA para identificar as aptidões do Batalhão de Infantaria no Brasil. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalh%C3%A3o>. Acesso em: 13 jan. 2016.

ela persistir usará de ofensiva física, mas nada consegue conter suas investidas. Dê só uma olhada!



Maria mostra a sua “arma”⁵²

Mostrar o sexo atemoriza o batalhão e várias patentes são acionadas: cabo, sargento, tenente, capitão, general. Ligam pra Casa Branca! É jocoso o pedido de ajuda aos Estados Unidos. Um oficial importante, a julgar pelo corpo robusto e a cartola no estilo Tio Sam⁵³, aproxima-se: “Muito bem, mocinha! O que você tem a dizer?!” , ela responde de pronto: “O primeiro!”. Não precisa pensar pra saber quem foi o primeiro a ir deitar-se com Maria.

As imagens estão encadeadas com ponto central na tensão entre o modo de exhibir o sexo e a ideia de sacar uma “arma”, a partir daqui o

52. *Maria 8. Nua e crua! Ditadura dos quartéis*, 1980, p. 8.

53. O Tio Sam é um símbolo nacional dos Estados Unidos, o nome foi usado na guerra Anglo-americana (1812) e seu desenho (1870) apresenta semelhança com Abraham Lincoln, vestido com as cores e elementos da bandeira norte-americana, usa uma cartola com listras vermelhas e brancas e estrelas brancas num fundo azul. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tio_Sam. Acesso em: 15 jan. 2016.

enredo está armado. São antevistas questões que vão do corpo à política, e pra tratá-las as discussões se prolongam, entre os aspectos mais custosos, identifico ideários que salientam: a devassa que salva; o sexo como arma; o sexo como atestado de gênero híbrido, com o feminino e o masculino unidos, ou entremeados em trocas de papéis, e por aí vai, a lista pode se alongar. Não tenho tanto tempo por aqui, desse modo, optei por ficar com a “devassa” que salva e o sexo como “arma”, penso que seja boa escolha.

5.1. Sexo como arma

O sexo feminino inspira artistas em várias áreas, HQ, pintura, fotografia, cinema, poesia, literatura erótica etc. O universo é gigantesco e por menor que seja a consulta, logo se avoluma grande quantidade de informação. Na pintura ocidental, existem obras soberbas que se valem do sexo “peludo”, elas são valiosas e expressivas assim como a representação do sexo na HQ Maria. Algumas delas merecem ser lembradas pelo poder encantador que partilham⁵⁴:

- a. com expressivos pelos, *A maja despida* (1797-1800), de Goya;
- b. a sensual peludíssima, *A origem do mundo* (1866), de Coubert;
- c. Com efeito *floue* nos pelos, *Nu vermelho* (1908), de Chagall;
- d. de pelos em pinceladas grossas, *Nu deitado* (1917), de Modigliani.

Dentre todas as “peludas”, *A maja despida*, que foi pintada em paralelo à *A maja vestida*, é tida como uma das primeiras a apresentar com nitidez os pelos pubianos da mulher. Existe ainda, a graciosa peluda cubista que faz xixi, afora tantas outras igualmente sensuais, de Picasso.

O ideário do sexo visto como “arma” libertária foi alvo da censura na ditadura militar, enlaçado a “pecados” políticos socialistas, comu-

54. O tema “nu feminino” foi pesquisado, individualmente, entre pintores: Goya, Coubert, Chagall e Modigliani. Disponível em: <https://www.google.com.br/>. Acesso em: 18 jan. 2016.

nistas, e ainda colocado lado-a-lado a “pecados” de natureza religiosa. A sexualidade ficou carimbada como consequência, o recalque do órgão sexual, a gestualidade do corpo e o erotismo foram perseguidos. A ditadura castigou sob a valia do emblema cristão e agiu apoiada no dogma de que a penitência do “pecado” tinha que ser feita a todo custo.



O atirador (1965) e Almoço na grama (1970)⁵⁵

A canção *Não existe pecado ao sul do Equador* (1973), de Chico Buarque e Ruy Guerra, censurada no regime militar, põe em questão a máxima do holandês Barlaeus (1641), comum aos olhos do explorador europeu, que via estas terras – sem instituições sociais e religiosas – como um local promissor ao estado de desregramento e, consequentemente, favorável ao “pecado”⁵⁶.

Para encurtar as distâncias das lembranças e puxá-las mais pra perto de Maria, aparelhando melhor a compreensão acerca do “poder”

55. *O atirador* - Disponível em: <http://www.pablo-ruiz-picasso.net/work-414.php> e *Almoço na grama* – Disponível em: <http://www.pablo-ruiz-picasso.net/work-403.php>. Acesso em: 18 jan. 2016.

56. A canção foi composta para a peça *Calabar, ou o elogio à traição* (1973), escrita por Chico Buarque em parceria com o poeta, dramaturgo e cineasta moçambicano Ruy Guerra, conta a história de Calabar que lutou a favor da invasão holandesa no Brasil. Disponível em: <http://canalviva.globo.com/especial-blog/>. Letra da música *Não existe pecado ao sul do Equador* Disponível em: <http://atrasdamusica.tumblr.com/>. Acesso em: 18 jan. 2016.

do sexo feminino, retorno à cena em que ela levanta a saia e seu gesto parece indagar: agora, o que irás fazer com meu sexo? Não vejo melhor agudeza, referindo-me a essa gestualidade de poder reportando-me à cena, do que avizinhá-la aos versos de Bráulio Tavares⁵⁷, bem articulados em suas alternâncias e manejos entre a “buceta cabeluda” da amada e o poder implacável que ela exerce no poeta:

[...] A buceta da minha amada
é cabeluda
como um tapete persa.
É um buraco-negro
bem no meio do púbis
do universo.

[...] É bela como uma letra grega:
é o alfa-e-ômega dos meus segredos,
é um delta ardente sob os meus dedos
e na minha língua
é lambda.

[...]

(*Poema da buceta cabeluda*, de Bráulio Tavares)

A “cabeluda” é o “alfa-e-ômega” dos segredos do poeta; local de prazer e refúgio; princípio, meio e fim da vida e seus mistérios. Inclusive traz uma incógnita - “**lambda**” – de “brinde”, uma linda dança de “umbigada” entre consoantes, que na língua do poeta pode ser “**lambda**” ou “**lambda**”, ou as duas a um só tempo; ou ainda referem-se a signos predestinados ao segredo por culpa de um erro gráfico, mas agora já não importam, os versos espalhados na internet estão bem integrados ao poema.

As letras “bd” podem ser muita coisa: um anagrama com as letras iniciais dos nomes do casal apaixonado; *Bis in Die* – uma expressão em latim que significa duas vezes em um dia; *Blu-ray Discs* – ou ain-

57. O “Poema da buceta cabeluda” integra a coletânea de poemas *Sai do meio que lá vem o filósofo* (1982).

da, uma melhor qualidade de imagem e som que em DVDs; Banda Desenhada – ou também pode referir-se a expressão usada para HQ em português de Portugal, possibilidades não faltam.

A variedade de sentidos apresentados serve para demonstrar que os estímulos aleatórios oscilam entre movimentos mentais que não param, os encadeamentos põem a significar pra lá e pra cá, em suas entradas e saídas. Partimos do sexo “peludo” *Realista* de Gustave Coubert até encontrar a maravilhosa “buceta cabeluda”, no poema de Bráulio Tavares, esta que é detentora do sexo “peludo” *Barroco*: “lúdica”, “profana”, “faminta como o polígono-das-secas”.

Essas imagens compõem camadas de transparências sobrepostas, entre diferentes tipos de “peludas”, independente de suas origens e concepções artísticas, todas são “peludas” e podem ajudar no olhar entre as pernas abertas de Maria. Talvez dentre elas, a mais safadinha seja *O atirador*, de Pablo Picasso, pelo estilo da “peluda” *Cubista* que lhe confere um talho rústico pronunciado. A julgar por seu título de “atirador”, que equipara a função de “atirar” com fazer xixi, entende-se que para fazer sexo também é preciso ter mira, nessa direção trata-se de uma imagem especial porque enaltece a “boa mira” entre as aptidões possíveis de Maria, além de favorecer a percepção de seu sexo com poder de uma arma de fogo.

5.2. Jogo duro ou mole

A história transcorre em cenários com escassos elementos – fachada do batalhão de Infantaria, porta de entrada, dois telefones, privada sanitária, várias espingardas e um *big* revolver –, afora os objetos e o prédio aparecem oficiais, soldados e a voluptuosa Maria. Os elementos de cena têm uma particularidade, são unidades condutoras de entradas e saídas, funcionam entre o aberto e o fechado, ou estão fracionadas numa outra relação complementar entre o duro e o mole, em seu

conjunto, essas unidades seguem em direção ao final da história com Maria de pernas abertas.

A história tem início com Maria entrando no batalhão e termina com os soldados largados após saírem do seu sexo. Há um jogo entre formas visuais, aos moldes do jogo infantil *Duro ou mole*, onde quem é pego fica duro. As rotas são articuladas em sequência no decorrer da narrativa e indicam gestos e reações das personagens, vou exemplificar com uma boa sequência: Maria mostra a bunda; soldado nervoso senta na privada; Coronel fica com o pinto duro; Maria levanta a saia e exhibe o sexo⁵⁸.

Nesta sequência se abstrairmos as figuras dos seus respectivos cenários e ficarmos apenas com os recortes dos gestos entre Maria, soldado, Coronel e Maria, as intenções das formas visuais serão percebidas mais facilmente: bunda exibida de Maria (insulto X duro); bunda de soldado na privada (medroso X mole); pinto do Coronel pronunciado sob a calça (excitado X duro); e sexo exibido de Maria (excitar X “deu mole!”). A sequência assume a função de complementaridade, conforme pode ser percebido; isso desanuvia os signos incertos e nos ensina a lidar com a sua natureza invariavelmente polissêmica da imagem.

Na *Ditadura dos quartéis* há pouco texto e praticamente nenhum diálogo textual, refiro-me a um texto em diálogo com outro texto. Registrei apenas uma única resposta de Maria – “O primeiro!”, quando o Tio Sam indaga sobre o que ela tem a dizer, afora esta fala não existe nenhum outro instante de diálogo. Ao passo que, entre as imagens, há um fluxo de diálogo contínuo, evidentemente, que há diálogo entre imagem e texto.

A narrativa transcorre por via de imagens e o texto pontua expressões de negação e algumas ameaças, é curtíssimo. Coube às imagens promover uma ação semelhante a uma “corrida de revezamento de bastão”,

58. *Maria 8. Nua e crua! Ditadura dos quartéis*, 1980, p. 6, 7, 8 e 9.

onde cada uma repassa pra seguinte o bastão dos “sentidos” até chegar ao *grand final* e fechar com o grito comemorativo: “Viva a picadura!”.

Em seu percurso, a narrativa intercala visões entre as principais forças de luta contrárias, vencedora (Maria) x vencidos (soldados), para adicioná-las a um propósito comum. A força aditiva ocorre entre os que se exauriram no esforço da luta e os que desfrutaram do prazer do sexo como ferramenta de luta, não há distinção entre vencedores ou vencidos no que se refere a obter prazer.

Na estrutura lógica da narrativa dá pra ver que os perigos da vida social não são tão diferentes dos perigos da vida sexual; as situações de conflito político ou sexual são resolvidas no ataque, em nenhum momento na história evidencia-se ato de fuga por parte de Maria, a sua principal característica é lutar e vencer com e por prazer.

5.3. A devassa salva

Procuro em percurso de leitura ajuntar alguns mistérios da criação, do homem e da mulher misturados na arte, no entorno de pelos pubianos e também ao fundo da fenda felpada. Para dar início, conforme Maria exalta, aproveito para parodiá-la: que venham “as pilas”, “las pollas”, “les bites”, “the cocks”. Contanto que acertemos: ninguém tem pinto nem xoxota em estado de “sexo morto” e negá-los à vida é afirmar a morte.

Retomo a “puta-luta” nessa direção e prumo, daqui de onde vejo prefiro enxergar invertido, pelo menos por instantes, vejo uma Maria performática: a Vênus do batalhão de Infantaria; a Afrodite da “suruba revolucionária”. Sei que a “deusa do amor” nesse imaginário que avizinho pode ser também chamada a “puta do amor”.

Apesar de nem ser “puta”, de nem ganhar um tostão sequer pra derrotar a “picadura”, e mesmo sabendo de tudo disso, ainda assim as condições de sua luta podem aproximá-la da adjetivação de “puta”. Seja pela

metáfora atribuída à quantidade do sexo praticado por Maria; seja por qualquer outra motivação moral, religiosa, que não reconheça a prática do sexo em quantidade e coletivo como justificável; seja em particular por não tolerar o sexo no estilo *swing* com tantos soldados.



Ataque ao batalhão de Infantaria⁵⁹

Seja por qual motivo for, ou por todos em conjunto, a luta é bem sucedida em razão de ter sido marcada pela devassidão. A missão de Maria é dominar o quartel e ela demonstra ter prazer em exercer a sua incumbência no enredo. Fica claro no seu traquejo alegórico: o sexo ataca até obter “picas moles” como trunfos de vitória. O substitutivo da “ditadura” justifica o seu clamor por “Viva a picadura!”; a luta imobiliza o sexo masculino sem erradicar e de certo modo fica uma ideia no ar: Maria não domina os soldados e sim as suas “picas”, pelo menos, temporariamente. Dê uma olhada.

59. *Maria 8. Nua e crua! Ditadura dos quartéis*, 1980, p. 15.



Derrota do batalhão de Infantaria⁶⁰

Neste último quadro a história apresenta um desfecho de missão cumprida. O resultado decorre de uma relação de causa e efeito, sugerindo que algo aconteceu antes; quando Maria exalta a “picadura” com os soldados já exauridos, a cena traduz certo descompasso entre o que é visto e o que é dito no balão.

O propósito é “derrotar” soldados enquanto existir a “picadura”, ou melhor, de acordo com o trocadilho, enquanto existir a “ditadura”. No entendimento do sofisma e de seus sentidos percebidos, o prazer sexual é ponto essencial na compreensão do enredo, caso contrário não teria sentido clamar: “Viva a picadura!”.

Ao refletir acerca dessa questão, trocar “ditadura” por “picadura”:
a) elegi a cena do último quadro como parte de um todo observado; b) levei em conta o perfil de Maria; c) o balão de onde ela fala. A imagem sugere a motivação do sorriso largo de Maria, deixa claro que o sexo praticado resultou em prazer.

60. *Maria 8. Nua e crua! Ditadura dos quartéis*, 1980, p. 16.

O contorno do balão, por sua vez, é feito com linhas quebradas, numa forma *splash* com gotas que saltam; este tipo de formato descreve um corpo sólido quando cai no líquido. Este recurso visual ajuda a entender a resistência entre os corpos no enlace do sexo: duro x mole, por exemplo. Vem à mente o dito, inevitavelmente, “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”.

Em curso, conforme se percebe, os sentidos moles vão se recompondo enquanto as “picas duras” vão se desarmando. Outros detalhes corroboram impressões, por exemplo, a cena de Maria sentada numa concha de nuvens, ladeada por raios ao fundo, recorda um vaguíssimo ideário mitológico da deusa do amor Vênus ou Afrodite.

A imagem de Maria sentada nas nuvens traz resquícios da pintura pagã *O nascimento da Vênus* (1485), de Sandro Botticelli⁶¹, onde uma graciosa mulher nua, posicionada sobre uma concha, é empurrada para a praia pelo vento sob uma chuva de rosas. É evidente que não há várias rosas nesta cena.

O imaginário da “concha” mesmo que feita de nuvens e a posição central majestosa ocupada por Maria estabelecem certa conexão de similaridade entre significantes, mas isso não significa que outro leitor se dê ao “deleite” de caricaturar Maria com a obra renascentista da Vênus.

Na leitura tive e tenho interesse nesse vínculo pelo que me ocorreu nos sentidos; as coordenadas significativas em geral vêm daquilo que estou lendo no momento ou de arquivos extraídos da memória, vou combinando imagens pré-existentes nas formulações apresentadas, estabeleço uma leitura que tento aprimorar sempre, enquanto estou em contato com a obra.

Uma questão inquietante pra mim foi transfigurar a Maria “deusa do amor” para a “puta que salva”. É bom lembrar que Maria emerge de um mundo ficcional animado pela inventividade de seu criador, mas

61. Pintura O nascimento da Vênus - Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Nascimento_de_V%C3%AAnus. Acesso em: 31 jan. 2016.

é claro que animamos também com as nossas fantasias. Neste último quadro afigura-se uma lógica de desejo sexual sucessivo, que funciona como um gancho de prazer continuado: a “puta que salva” é beligerante, guerreadora, luta pra se manter na luta e é no enfrentamento que sente prazer.

Pra efeito de contraste recorro à poética de *Geni e o Zepelim* (1978)⁶², de Chico Buarque, onde a “puta que salva” encabeça uma luta condescendente, voluntariosa, bem diferente da luta enfrentada por Maria. A diferença entre elas ajuda a ressaltar atributos dos dois perfis, isso pode enriquecer e asseverar mais a importância exercida por Maria, além de esclarecer suas divergências com Geni:

Acontece que a donzela
[...] Também tinha seus caprichos
E ao deitar com homem tão nobre
Tão cheirando a brilho e a cobre
Preferia amar com os bichos.
(*Geni e o Zepelim*, de Chico Buarque)

Geni transava desde menina e já vinha se sujeitando a qualquer um, retirantes, detentos, lazarentos, moleques, velhinhos, velhinhas etc. Fazia sexo em qualquer lugar, do mangue ao cais do porto, numa cantina, ou no mato. É vista como “um poço de bondade”.

Quando o Zepelim ameaça a cidade, com seus dois mil canhões e desce de lá o Comandante, dizendo que irá poupar a cidade desde que “aquela formosa dama” lhe servisse; a cidade em romaria veio lhe implorar, vieram prefeito, bispo, banqueiro, e toda mobilização resultou:

Que ela dominou seu asco
Nessa noite lancinante
Entregou-se a tal amante

62. Letra da música Geni e o Zepelim. Disponível em: <http://www.letras.mus.br/chico-buarque>. Acesso em: 02 fev. 2016.

Como quem dá-se ao carrasco.
(*Geni e o Zepelim*, de Chico Buarque)

De tal sorte que, Geni faz sexo com o Comandante do Zepelim e sente asco; já Maria pelo contrário faz sexo com vários soldados por prazer. Nos dois casos o sexo aparece como superação do dramático, do desastroso para o mundo político, social.

Assim, Maria atua no combate à ditadura e Geni atende a um pedido para salvar a cidade; a primeira usa o corpo num gesto de luta e obtém prazer; a segunda sacrifica o corpo e abdica do prazer. Resulta que o gesto de Geni é arriscado, ela declina do prazer, do controle do seu corpo, e aceita o pior do sexo. Já Maria entusiasmada pelo corpo dá sinal de melhor sorte, pois não renuncia ao prazer nem a si mesma.

5.4. Astros mandam bem

Por fim, o clima erótico no qual se insere Maria em *Ditadura dos quartéis* (1980) me fez recordar de *Valentina* de Guido Crepax⁶³ e, no impulso de tomar pé na situação, resolvi consultar o plano astral de Maria para saber que sinais fantasiosos caracterizavam o seu perfil erótico.

Que aspectos eróticos, vistos na sua forma de lutar, corroborava para resistir na luta e atender à devassidão do seu corpo, sem cobrar um tostão ou receber proventos de uma organização clandestina no combate à “ditadura”? Ou mesmo que, tivesse sido motivada apenas pelo ensejo de participar de uma “putaria” lúdica, daquelas que “se faz a fama e deita-se na cama”? Foram questões condutoras na consulta feita aos astros, dispus dos seguintes dados:

63. Foram consultados: *Shazam!*, de Álvaro de Moya, em seu artigo *As taradinhas dos quadri-nhos*; e prefácio da adaptação de *História d'O*, por Guido Crepax. Disponível em: http://www.lpm.com.br/livros/Imagens/a_historia_de_o_2013_trecho.pdf. Acesso em: 23 jan. 2016.

Data de Nascimento – 9 de julho de 1975;

Cidade natal – João Pessoa, PB;

Hora de Nascimento – distribuição de jornais entre 7h-8h.

Realizei buscas em sites astrológicos e escolhi o *Personare*⁶⁴, o mapa astral de Maria veio: “Sol em Câncer, ascendente em Leão – Drama!”. O resultado é hilário e, de fato, Maria tem o drama, a teatralização, como traço forte. Seu ascendente em Leão amplia a “generosidade” mesmo sendo “centralizadora”, “controladora”, que são características do lado “autoritário”. É “muito criativa”, apesar da regência entre Sol e Lua fazê-la “flutuar no humor”: há momentos que é “aberta e generosa”, em outros é “altamente desconfiada”.

É “dada a excessos” e, nesse particular, um trecho engraçado adverte: “é importante aprender a cultivar a arte da moderação em todos os sentidos, do físico ao emocional e mental”. A ressalva pode se aplicar ao excesso de sexo visto em *Ditadura dos quartéis*. É divertida essa recomendação para aprender a ter “senso de limite”, útil a qualquer um e ajuda a ressaltar o lado lúbrico de Maria. O trocadilho da “ditadura” por quantas “picaduras” vierem é o seu *senso de limite*, que se inclua neste pacote: soldados do batalhão de Infantaria, o Coronel de bengala e o ávido Tio Sam.

O mapa astral diz que Maria é “criativa” e se tomarmos como parâmetro a *Ditadura dos quartéis*, ela é uma “guerrilheira” que logra êxito no combate a seus opositores usando apenas o sexo como arma; já quanto a “flutuar no humor” essa é a sua seara e no que se refere a ser “centralizadora” é moleza, em se tratando de uma protagonista.

Ao final da consulta, veio o adágio: “Nem tudo o que queremos, podemos. Até porque nem tudo o que queremos é válido!”. Este dito me fez desistir de fazer encontrar Valentina Rosselli (53 anos), de Crepax, com Maria Magalhães (41 anos), de Henrique.

64. Expressões e citações entre aspas resultam do Mapa Astral de Maria, em consulta feita ao site Personare. Disponível em: <http://www.personare.com.br/astrologia>. Acesso em: 23 jan. 2016.

Também havia cogitado juntar Maria e Barbarella (54 anos), de Forest, há entre elas afinidades quanto a usar o sexo como arma mortal, contudo, apesar de Maria já ter se envolvido com homens, a partir das HQs de 1984 pra cá, ela só tem olhos pra Pombinha; além de não se envolver com robôs e monstros gelatinosos como Barbarella faz, penso que seria uma aproximação infrutífera.

Apesar das três personagens terem em comum o fato de envelhecerem durante as histórias, Valentina e Barbarella têm alucinações eróticas mais aguçadas que o lado erótico de Maria em seus propósitos políticos. Valentina adota sonhos eróticos em torno a temas como bissexualidade, autoerotismo e sadomasoquismo⁶⁵, por exemplo. Maria defende direitos LGBTs, mas não há cenas se sensualizando ou se insere em contexto sádico ou masoquista.

Maria e Valentina fazem parte de realidades estetizadas distintas: uma nascida em Milão, italiana; a outra, natural de João Pessoa, brasileira. Valentina acumula mais experiências eróticas que Maria, além de ter doze anos a mais, ela exibe uma beleza de traço humano que ao lado de Maria, de feitio despojado e caricatural, inviabiliza parâmetros comparativos, elas detêm belezas diametralmente opostas.

Valentina nasceu em 25 de dezembro de 1942 e como era de se esperar, inquiri o seu mapa astral no mesmo site *Personare*⁶⁶. O resultado veio: “Sol em Capricórnio, ascendente em Sagitário – A autoridade que vem de dentro”. O ascendente em Sagitário confere “dinamismo e senso de aventura” ao signo de Capricórnio, em geral mais lento. É interessante a passagem que prevê uma vida cheia de experiências precoces “como se um ano fosse dez”.

65. A personagem Valentina Rosselli [1942-1995], de Guido Crepax, é uma fotojornalista milanesa, mede 1 metro e 72 centímetros de altura e tem olhos azuis. Deixou o mundo HQ com a novela *Al Diavolo Valentina*, aos 53 anos de idade. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Valentina_\(quadrinhos\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Valentina_(quadrinhos)). Acesso em: 23, jan. 2016.

66. Expressões e citações entre aspas resultam do Mapa Astral de Valentina, em consulta feita ao site Personare. Disponível em: <http://www.personare.com.br/astrologia>. Acesso em: 23 jan. 2016.

Valentina é fotojornalista e tem “senso de oportunidade”, deseja “vencer no mundo material”. O mapa astral, em outra passagem, resalta que ela utiliza o riso como recurso de superação. Observar o riso, a título comparativo com a HQ Maria, permite ver que é no mau humor de Maria que consiste a graça da maioria de suas histórias, no entanto o riso de Maria em *Ditadura dos Quartéis* aproxima-se do traço de Valentina que é “lutar suas batalhas rindo”.

Estas previsões astrológicas por assim dizer, perfazem uma metodologia caricatural e oferecem contornos risinhos despertando a curiosidade e, ao final, acabaram batendo com o “jeitão” das duas personagens. No horóscopo Chinês⁶⁷, por exemplo, Maria é Coelho e, a julgar pelo apetite sexual do animal, a relação entre coelho e a personagem pode favorecer ao crivo de uma alegoria da fogueira.

Curiosamente, Valentina é Cavalo, o animal representa um dos melhores amantes do horóscopo Chinês, resultado que se coaduna com a atividade sexual vigorosa da personagem. E o que dizer do mapa astral e horóscopo chinês para Betty Boop (1930), animação de Max Fleischer, e para Barbarella (1962), de Jean-Claude Forest? Independentemente dos vínculos astrológicos, elas também têm fama de protagonizar histórias eróticas e costumam surpreender as pessoas ao redor.

67. No horóscopo Chinês, Maria é coelho e Valentina é cavalo, consulta feita ao site Las Cartas de la Vida. Disponível em: http://www.lascartasdelavida.com/horoscopo_chines/. Acesso em: 24 jan. 2016.

Considerações

A leitura das histórias pode encontrar apoio em instrumentos vindos da estilística, narrativa, Psicanálise, Sociologia, e até Astrologia, e outros. Optar por qualquer um deles ou por uma composição de esforços, aparelha o trabalho em teorias e conhecimentos afins, mas do mesmo modo que essas perspectivas podem contribuir, elas têm um caráter parcial por onde lhes escapam a inteireza dos enredos das HQs.

Por mais insistente que tenha sido o intento de enxergar por baixo da saia de Maria, sei que não existe um único caminho de acesso: cada lance decorre do método, das noções teóricas e da perspectiva crítica adotada. No caso em questão, aqui desenvolvido, resultou do interesse pelo que está subtendido e alheio ao sentido literal da visualidade.

É impossível desconsiderar a forma voluptuosa da *saia balão* de Maria e, em razão disso, o seu interior revelou-se atraente à imaginação. O lado icônico do abaloado da saia reservou um espaço oculto frutivo, onde o imaginoso e suas vibrações cercam temas importantes como homossexualidade, feminismo, machismo etc. Assuntos nervosos e carentes de boas discussões para que se possa avançar em termos de questões do prazer abaixo do próprio umbigo.

Na leitura, independentemente desse ou daquele tema, persegui a poética da forma desenhada na HQ e me ative ao tracejado de significações na abaloada saia de Maria, procurando observar a sua relação com outras imagens. Por fim, mantive o desejo de me misturar a leitores hipotéticos e, perante eles, acredito ter assegurado o meu direito de significar.

É evidente que, no caso da leitura dos outros, estou apartada dos códigos utilizados, mas a ideia é essa, pois ninguém é soberano quan-

do se trata de interpretações. Não se deve pensar que a personagem e suas histórias sejam ditadas apenas pela interpretação de quem as ler, existe uma série de índices passíveis de serem acessados, de tal sorte que os referentes se misturam a diferentes processos de apreciação.

E digo, só porque é prazeroso exercitar possibilidades sem que se esteja aprisionado a parâmetros rígidos, não significa que um leitor animado irá experimentar um percurso extasiante de narcisismo, os puxões chegam de todos os lados da cultura, dos padrões estéticos inculcados, de formas limitadas, infundadas e amocambadas em seu *corpus* de repertório.

O sujeito que se mete a ler já é guiado por aquilo que lê, só não precisa fechar os “olhos” pra virar as páginas e ficar prisioneiro do texto, ou ler só na superfície, o que é péssimo. Há de se querer revirar o texto e enxergar em profundidade, a imagem é preciso ser aberta, ser observada em seus interiores e entranhas. Penso que isso equivale a tentar, a todo custo, uma aproximação honesta junto ao material artístico, e esse processo demanda tempo e algumas incertezas.

Outra coisa, falar de erotismo, sexo entre corpos, gestos apaixonados, aciona uma série de convenções da sexualidade humana, que empurram a leitura para caminhos da ironia e banalização, a cautela é imprescindível, espero não ter cometido erros irreparáveis ou instigá-los a cometer.

O que quero dizer, é que a ausência do “real” na ficção não nos absolve da nossa própria ficção fantasiosa, tão pouco do que nominamos por realidade, ou dos traços inculcados da cultura do nosso meio social e tempo de vivência. É preciso escapar de nós mesmos e daquilo que lemos, e para estar a salvo é bom ter plano de fuga: novas leituras e renovadas experiências. Nesse sentido, ler HQ é um castigo desejado, moroso, eternizado. Pede complemento como qualquer outra leitura.

Referências

- BRAIT, Beth. *A personagem*. Série Princípio. 7ed., São Paulo: Ática, 2000.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola [et.al.]. *Ponto de vista da narrativa*. Quem conta um conto. V. 5, 10ed., São Paulo: Atual, 1990.
- _____ [et.al.]. *Personagem*. Quem conta um conto. V. 2, 10ed., São Paulo: Atual, 1989.
- CAGNIN, Antonio Luiz. *Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial: linguagem e semiótica*. São Paulo: Criativo, 2014.
- COLLARES, Marco Antônio Correa. *Representações da Sociedade Romana em Cícero e Tito Lívio* (por Tito Lívio, *Ab Urbe Condita*, Livro II, Cap. 33). Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/>. Acesso em: 01 fev. 2016.
- DIMAS, Antônio. *Espaço e romance*. Série Princípio. São Paulo: Ática, 1985.
- KOTHE, Flávio. *A alegoria*. Série Princípio. São Paulo: Ática, 1986.
- MOYA, Álvaro de. “As taradinhas dos quadrinhos”. In: MOYA, Álvaro de [org.]. *Shazam!* São Paulo: Perspectiva, 1970.
- SEGOLIN, Fernando. *Personagem e anti-personagem*. 2ed., São Paulo: Olho d’Água, 2006.
- TAVARES, Braulio. *Sai do meio, que lá vem o filósofo*. Poemas. Recife: Edt. Universitária, 1982.
- VIANA, Vivina de Assis [et.al.]. *Espaço*. Quem conta um conto. V. 3, 7ed., São Paulo: Atual, 1990.

Revistas HQs

- MAGALHÃES, Henrique. *Seu nome próprio... Maria! Seu apelido, Lisboa!* Lisboa, Portugal: Polvo, nov. 2015.

_____. *Maria: Quarentona, mas com tudo em cima*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2015.

_____. *Maria Magazine* n. 5. A linguagem do amor. João Pessoa: Marca de Fantasia, jun. 2014.

_____. *Maria Magazine* n. 4. João Pessoa: Marca de Fantasia, abr. 2013.

_____. *Maria Magazine* n. 3. João Pessoa: Marca de Fantasia, fev. 2012.

_____. *Maria: Espirituosa, há 30 anos*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

_____. *Maria. Olhai os lírios no campo*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 1998.

_____. *Maria. A maior das subversões*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 1984.

_____. *Maria* n. 8. Nua e crua! Ditadura dos quartéis. João Pessoa: Artesanal, Ano III, nov. 1980.

Sites

BATALHÃO - <https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalh%C3%A3o>

BEIJO NA BOCA - <https://www.significadosbr.com.br/beijo-na-boca>

BEIJOS NO CINEMA - <http://www.guiadoscuriosos.com.br/categorias/4106/1/beijos-no-cinema.html>

BEIJOS/TIPOS - <http://www.significados.com.br/tipos-de-beijos/>.

BLOG CADAVERE EXQUIS... - <http://divulgandobd.blogspot.pt/2015/12/cadavre-exquis-alias-cadaver-esquisito.html>.

GUIDO CREPAX: *História d'O* - http://www.lpm.com.br/livros/Imagens/a_historia_de_o_2013_trecho.pdf

HQ VALENTINA - [https://pt.wikipedia.org/wiki/Valentina_\(quadrinhos\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Valentina_(quadrinhos)).

HORÓSCOPO CHINÊS - http://www.lascartasdelavida.com/horoscopo_chines/

MAPA ASTRAL Maria e Valentina - <http://www.personare.com.br/astrologia>

MARCA DE FANTASIA - <https://www.marcadefantasia.com/>.

MEMORIAL HQ-PB - <http://www.memorialhqpb.org/publicacoes/revistas/maria/maria-primeiraserie/maria3/maria3.html>.

MÚSICA: *Caçador de mim* - <http://www.letras.mus.br/milton-nascimento>.

MÚSICA: *Geni e o Zepelim* - <http://www.letras.mus.br/chico-buarque>.

MÚSICA: *Me segura que senão eu caio* - <https://www.letras.mus.br/alceuvalenca>.

MÚSICA: *Não existe pecado ao sul do Equador* - <http://www.letras.mus.br/chico-buarque>; a canção integra a peça *Calabar* - <http://canalviva.globo.com/especial-blog/>.

MÚSICA - *Samba em prelúdio* - <http://www.letras.mus.br/vinicius-de-moraes>.

MÚSICA - *Sozinho* - <http://www.letras.mus.br/caetano-veloso>.

NU FEMININO: por Goya, Coubert, Chagall e Mondigliani - <http://www.google.com.br>.

O PASQUIM - <https://caminhosdojornalismo.wordpress.com/producao-em-impreso-2/jornal-o-pasquim-2/>

O PEQUENO PRÍNCIPE - <http://www.cirac.org/Principe/Ch1-pt.htm>

PICASSO: *O atirador* - <http://www.pablo-ruiz-picasso.net/work-414.php>; e *Almoço na grama* - <http://www.pablo-ruiz-picasso.net/work-403.php>.

PINTURA: *O nascimento da Vênus* - https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Nascimento_de_V%C3%AAnus.

POEMA: *A crueldade da dor* - <http://arquivopessoa.net/textos/4456>

ROMA - <http://www.historiaehistoria.com.br/materia/cfm?tb=professores&id=158>

SAIAS/TIPOS - <http://pt.scribd.com/doc/7635501/A-evolucao-da-saia>.

TODOS POR... - https://pt.wikipedia.org/wiki/Unus_pro_omnibus,_omnes_pro_uno

TIO SAM - https://pt.wikipedia.org/wiki/Tio_Sam.

VÍDEO DOC: *Eu sou Maria*, de M. Andrade e R. Behar, publicado em 14 dez., 2014 - http://www.youtube.com/watch?v=SldSiLs_ma8&feature=youtu.be.

VLADIMIR PROPP - https://pt.wikipedia.org/wiki/Vladimir_Propp.

Apêndice I

Saia balão e outras

O lançamento da *saia balão* (1957) ocorreu a mais de dez anos, depois da II Guerra Mundial (1939-45), entre os estilistas da moda e inventores desse “efeito bolha” estão o espanhol Cristóbal Balenciaga⁶⁸ e o francês Christian Dior. A *saia balão* é franzida e costurada de modo a se curvar na extremidade, a sua forma esta associada a bombas lançadas por balão (*balloon bomb*) pelos japoneses. O seu formato funcionou para reduzir o comprimento da saia, já que no pós-guerra a quantidade de tecidos era limitada e as vestimentas eram uniformizadas tanto na Europa quanto nos Estados Unidos.

Tipos de saia	
Reta	anos 40, vigorava a metragem econômica;
Godê	anos 50, usada com anáguas e associada à época do <i>rock in roll</i> ;
Franzida	anos 40, rodada e franzida no cós, de origem austríaca, inspirada no traje camponês;
Balão	franzida na cintura e curvada na direção dos joelhos onde é presa por uma bainha circular;

68. Sua primeira loja foi aberta em San Sebastián (Espanha, 1918), com filiais em Madrid e Barcelona. A aprovação da aristocracia e família real espanhola garantiu a sua expansão, só contida com a guerra civil espanhola quando teve que mudar-se para Paris (França, 1937), lá o sucesso ocorreu logo após o seu primeiro desfile influenciado pelo renascimento espanhol. Entre as suas contribuições no pós-guerra são lembradas: *jaqueta balão esférico* (1953), *vestido boneca de cintura alta* (1957), *casaco casulo* (1957), *saia balão* (1957) e *vestido saco* (1957). Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/7635501/A-evolucao-da-saia>. Acesso em: 15 jun. 2015.

Saia-calça	ampla e usada por operários franceses, depois usada no ciclismo e entre os anos 60/70 teve sua versão “bombacha” com comprimento no meio da canela;
Envelope	aberta e que fecha com um plano sobreposto ao outro;
Com pala	possui uma parte que vai da cintura ao quadril ajustada ao corpo;
Tulipa	franzida na cintura que se fecha em direção à barra;
Rabo de peixe	tem faixa godê costurada no traseiro que simula um rabo de peixe;
Evasé	ampla com corte em círculo e semicírculo;
Plissê	formato redondo composto por pregas da cintura a bainha;
Pareô	formato retângulo que se ata em torno da cintura, usada como saída de praia.

Apêndice II

Entrevista com H. Magalhães: Muito prazer! Maria

Por Nadja Carvalho

João Pessoa, 30 de nov. de 2014

Alguns anos depois, o artista comenta o perfil de Maria, fala da saia balão da personagem e da popularidade de suas tirinhas publicadas dos anos 70 pra cá.

H Magalhães integra um número reduzido de quadrinistas paraibanos. É reconhecido por suas tiras de Maria, ele se afastou dessa produção nos anos 90 para em seguida retomá-la, hoje, Maria já está *Quarentona, mas com tudo em cima* (2015). Oxalá! Que não se afaste mais de Maria (1975), da Gibiteca Henfil (1990), da Editora Marca de Fantasia (1995), esta última criada para publicar HQs sem espaço no mercado. Suas outras dedicações integram as atividades de professor e pesquisador de quadrinhos no curso de Comunicação em Mídias Digitais e no programa de Mestrado em Comunicação, da Universidade Federal da Paraíba.

Ele sabe que o humor dos quadrinhos depura as adversidades, que a alegria pode até vender pouco e render quase nada, mas o reconhecimento da qualidade do seu trabalho editorial é vital para produtores de HQs, além da sua enorme realização pessoal garantida. O espaço editorial Marca de Fantasia é destinado a Quadrinhos, Artes, Comuni-

cação e Cultura Pop⁶⁹, embora uma das ideias primordiais seja manter vivo o diálogo com quadrinistas do Brasil e de outros países, trabalho que lhe tem reservado surpresas agradáveis.

O nosso entrevistado relembra momentos da sua trajetória artística, descreve os aspectos da criação de Maria e examina a relação entre a plástica abalada da saia da personagem e as suas reivindicações por liberdade política e sexual. Fala sobre o desejo por uma vida afetuosa feliz e acredita na mágica do acaso do amor: “a maior das subversões”.

Suas tirinhas ganharam diferentes alvos temáticos: crítica de fatos políticos, cerceamento intelectual, luta das minorias por afirmações e preconceitos diversos. Como você define hoje, a discussão que pretendia ressaltar na época em que Maria foi criada?

Maria foi criada num contexto de muita repressão política e cultural. Vivíamos o auge da ditadura militar, instalada no país em 1964 e que em 1975 fazia a inflexão para a abertura política lenta e gradual. Culturalmente havia os valores patriarcais e moralistas arraigados, potencializados pela ideologia totalitária. Em outros países as mulheres, negros e homossexuais lutavam por direitos civis e políticos tendo como princípio as ideias propagadas pela Contracultura e outros movimentos sociais.

No Brasil, esses movimentos iriam repercutir no final da década de 1970, com a disseminação de grupos feministas, negros e homossexuais. Foi nesse bojo cultural e político que surgiu Maria, inicialmente como uma personagem carente e solitária, em busca de um marido, para logo assumir uma postura crítica ao regime e militante das causas “minoritárias”.

69. Livros com recortes da indústria cultural e da internet, como séries televisivas, ficção científica, música, games etc., podem ser adquiridos ao lado das revistas de HQs. Disponíveis em: <https://www.marcafantasia.com/>.

Conte como ocorreu o nascimento de Maria. Fale como ficou definido o humor inflado da sua forma plástica e das possibilidades de sentido extraídas da leveza abaloada das saias de suas personagens.

Desde criança eu era um leitor voraz de quadrinhos, lia todos os gêneros disponíveis nas bancas, mas com predileção por Luluzinha, Zé Carioca, Fantasma, Mandrake e Homem Aranha. Com o tempo fui descobrindo o humor crítico nacional veiculado no *Pasquim* e no *Jornal do Brasil*. Henfil, Ziraldo, Caulos, Jaguar, Ciça, Edgar Vasques, Nilson, Maurício de Sousa, Veríssimo passaram a fazer parte de meu universo literário e visual, influenciando o modo como passei a ver o mundo.

Maria nasceu de minha necessidade – e pretensão – de criar minhas próprias histórias em quadrinhos, de verbalizar as inquietações próprias à adolescência. Contudo, não via sentido em copiar o que já havia no mercado, que me parecia muito bom. Queria fazer algo original e para isso fiz uma pesquisa informal sobre tudo o que eu tinha acesso em termos de quadrinhos, seja nas tiras de jornais, seja em revistas de bancas.

Descobri que, exceto as personagens infantis, como Mônica, Luluzinha, Bolota, Brotoeja, não via personagens femininas como protagonistas, o comum era haver a eterna namorada do herói, de Super-homem, do Fantasma, de Flash Gordon, de Mandrake etc. Não conhecia ainda as personagens eróticas que causavam furor na Europa, como Barbarella, Jodelle, Valentina, que passei a ler logo depois, além de Mafalda, de Quino e Mãe, de Mell Lazarus, que era uma matrona que protagonizava uma tira que circulava em revistas humorísticas como *Patota*, *Eureka* ou *Grilo*.

Maria, então, foi minha ideia de fazer uma mulher como personagem central, mas voltada para a problemática concreta na época, que era a da mulher solteirona, excluída, rejeitada, o que era um estigma forte. Posteriormente conheci a personagem Marli, do capixaba Milson

Henriques, que abordava o mesmo tema. O nome “Maria” remete à universalização da mulher, como José seria para o homem. Como companheira, criei Pombinha, nome inspirado na personagem homônima do romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo; e Zefinha, um contraponto às duas, que depois assumiria um papel conservador, quando da politização de Maria.



Maria participa do Amadora BD 2015, realizado em Lisboa⁷⁰

Essa característica de Maria, no sentido de resolver uma questão existencial, contudo, durou pouco. Com minha entrada na Universidade Federal da Paraíba, em 1976, para o curso de Arquitetura e Urbanismo, ampliou-se radicalmente minha visão de mundo, com a inevitável conscientização sobre a situação política do país. Maria passou, então, a ser minha porta-voz, meu alter ego, meu senso crítico sobre toda a situação política que se impunha de forma incontornável no meio acadêmico e também nas artes.

Com relação à saia de Maria, inicialmente ela era bem estreita, já que a personagem era franzina. A saia longa foi uma estratégia para

70. Divulgação feita pelo blog português “Cadavre Exquis aliás Cadáver Esquisito”. Disponível em: <http://divulgandobd.blogspot.pt/2015/12/cadavre-exquis-alias-cadaver-esquisito.html>. Acesso em: 2 fev. 2016.

encobrir uma deficiência minha, que não conseguia desenhar as pernas em movimento. Com o tempo a saia foi inflando porque esteticamente dava mais impacto e movimento à personagem, mas ela continua esbelta, em nenhum momento Maria foi ou é gorda. O volume da saia é um recurso estético, mas como você pode inferir, sugere muitas outras leituras, das quais não tive consciência nem intencionalidade ao fazê-lo.



Detalhe de capa, *Maria 10 - Binidito 2* (1982).
Coleção cartunistas paraibanos hoje⁷¹

Explique essa função romântica + revolucionária: o amor como a maior das subversões. A ideia contempla um enigma que encara o amor como um desafio? Parece acobertar uma lógica de desobediência amorosa? Ou seja, pra subverter tem que amar antes de tudo?

Com a distensão política – a Abertura lenta e gradual; a Anistia ampla, geral e irrestrita; o pluripartidarismo – novas questões vinham à tona, ou iriam se intensificar como a luta de afirmação das minorias. No início dos anos 1980 fui um dos fundadores do grupo gay Nós Também,

71. Memorial da História em Quadrinhos da Paraíba. Disponível em: <http://www.memorialhqpb.org/publicacoes/revistas/maria/maria-primeiraserie/maria3/maria3.html>. Acesso em: 2 fev. 2016.

na Paraíba. Maria, é claro, iria refletir isso, com todo o grau panfletário e militante que faziam parte de meu dia a dia e luta política.

Com o arrefecimento da ditadura, Maria perdeu em parte o caráter chargístico, da crítica sobre os fatos políticos do cotidiano para abordar também questões mais gerais – universais ao ser humano – e específicas, das lutas das minorias. De certa forma é a volta de Maria a sua origem existencialista, agora não mais preocupada com suas questões pessoais, mas tentando trabalhar os anseios de solidão, afetividade e falta de perspectivas de vida com que a maioria pudesse se identificar.

Outro livro iria me tocar profundamente no período: *1984*, de George Orwell, que tratava do autoritarismo supremo e da repressão a uma relação amorosa, tida como subversiva. Minha dedução dessa leitura – e da reflexão sobre a problemática da afirmação homossexual – foi que o “amor é a maior das subversões”, frase que atribuí a Maria numa história em que a coloco como amante de Pombinha. O amor, para mim, é, sem dúvida, o que pode fazer transcender a todos os cerceamentos, seja o amor romântico, seja o amor por uma causa ideológica.

Qual seria o perfil de Maria? É possível descrever propriedades singulares, comportamentais, psicológicas, que marquem suas respostas a estímulos sociais?

Maria se mostra como uma pessoa crítica, irônica, impiedosa com o senso comum. Não raro ataca o egoísmo, a despolitização da classe média, a submissão popular, o oportunismo e a má fé dos políticos. Faz contraponto com Pombinha, que por ser mais nova parece ingênua. Maria e Pombinha se complementam nas tiradas humorísticas, sendo Pombinha o mote para as sacadas derrisórias de Maria. Por outro lado, Maria se contrapõe a Zefinha, que personifica o lado conservador e reacionário do povo.

É fundamental que um quadrinista tenha motivação e imaginação. Quais seriam os ingredientes essenciais na criação de HQs ou tirinhas?

O cotidiano é minha maior inspiração, tudo o que está a minha volta me inspira, as notícias dos jornais, o convívio com os amigos – que são fonte para muitas das tiras e personagens – bem como minha reflexão interior. Coloco-me inteiramente em Maria ao ponto de afirmar que “Maria sou eu”.

Dos temas recorrentes em suas tirinhas, identificamos a falta de liberdade e a ameaça de solidão. Qual dos dois percalços seria pior para a vida?

Como diria meu filho Arthur: os dois. A falta de liberdade permeia toda a vida política, social, afetiva, nesse sentido o amor também pode ser absolutamente autoritário, quando praticado de forma obsessiva. A solidão é uma chaga social, que passa pela idealização das relações amorosas e pela falta de maturidade da maioria das pessoas. Como você mesma diz, o amor é um privilégio, e a casualidade de sua ocorrência destrói nossa capacidade de controle de si, nossa autonomia e integridade como ser humano racional. A falta de liberdade e a solidão são temas universais e intemporais que dão margem a um campo infinito de reflexão.



As três Marias (1978) foram inspiradas em cinema, peça de teatro local e crítica à saúde com uma gravidez provocada por “verminose”⁷²

72. Memorial da História em Quadrinhos da Paraíba. Disponível em: <http://www.memorialhqpb.org/publicacoes/revistas/maria/maria-primeiraserie/maria3/maria3.html>. Acesso em: 2 fev. 2016.

No momento, você tem feito alguma releitura de HQs? Poderia citar alguns quadrinhos que tenham entrado na categoria “quadrinhos de sua vida”?

Mafalda, de Quino e Fradim, de Henfil, são minhas referências supremas, são criações imortais em sua genialidade. Gosto muito de tiras humorísticas, que para mim têm um caráter poético – são poesias visuais e textuais – e encontro nesses dois autores o ápice de sua linguagem.

O quadrinista já nasce com o talento? Ou qualquer um de nós pode se arriscar a criar uma tirinha?

A tira é um gênero dos quadrinhos, que abarcam várias formatações. Quem faz quadrinhos não necessariamente faz tiras, que exigem uma habilidade própria para a síntese e o humor. Qualquer um pode fazer quadrinhos ou tiras como uma expressão autoral, como qualquer um pode pintar um quadro ou fazer uma poesia. Isso não quer dizer que terá um papel significativo na história dos quadrinhos, mas não se deve partir desse propósito para fazê-lo.

O que você teria a dizer a um jovem que sonha em se tornar quadrinista?

O primeiro passo é gostar do que está fazendo, criar sem censura e ter a humildade de aprender com os outros. A criação é um processo sem fim e é natural que nunca se chegue à perfeição. Com o tempo o trabalho evolui, mas sempre na medida da evolução pessoal do artista, de quem a obra não deve estar dissociada.

Se você tivesse que escolher uma única tirinha de sua autoria para ser lembrada, qual seria?

Esta é a tarefa mais difícil para um autor, escolher entre seu trabalho o que lhe represente ou que lhe seja preferido. Tudo depende do mo-

mento da criação da obra, o que leva a crer que o melhor é o que se faz na atualidade. Alguns autores, de forma escorregadia, dizem que o melhor trabalho é o que ainda será feito. É uma forma evasiva de não responder a questão. Proponho que o leitor eleja esse momento especial de meu trabalho, que evidentemente estará sujeito ao gosto e à sensibilidade de cada um.

Nadja Carvalho

é graduada em Comunicação pela UFPE, Mestre em Sociologia pela UFPB e Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. É Professora aposentada do Curso de Comunicação em Mídias Digitais e do Mestrado em Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Federal da Paraíba. Realizou estudos sobre Movie-clip (charges animadas), HQtrônica (histórias em quadrinhos eletrônicas) e Mídia Celular (vídeos, entrevistas). Tem experiência em Comunicação Visual e Mídia Portátil. Vem atuando nos campos de linguagens interativas, espacialidades e dispositivos portáteis; mais recentemente, linguagens midiáticas sob o exame da forma e potencialidades estéticas na internet. Pela Marca de Fantasia publicou o livro *Edgar Franco e suas criaturas no Banquete de Platão*, sobre a obra desse artista multimídia.



Este livro teve como desafio articular espiadelas por baixo da *saia balão* de Maria, utilizei-me de uma espécie de voyeurismo metodológico para avistar sentidos encobertos. Conduzi-me motivada pelo desejo de encontrar ventos de inspirações poéticas, como aqueles que esvoaçaram a saia e os cabelos de Marilyn Monroe, em *O pecado mora ao lado* (1955). Satisfeita! Enfrentei ao lado de Maria algumas animadas ventanias.

Nadja Carvalho



É por isso que nós fechamos nossos olhos
quando nos beijamos,
dormimos e sonhamos.

Cazuza